

# MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+ NO BRASIL

DOSSIÊ 2021

OBSERVATÓRIO DE MORTES  
E VIOLÊNCIAS LGBTI+ NO BRASIL



# MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+ NO BRASIL

DOSSIÊ 2021

REALIZAÇÃO:

OBSERVATÓRIO DE MORTES  
E VIOLÊNCIAS LGBTI+ NO BRASIL



APOIO:

Fundo  
Brasil

### **Coordenação, Pesquisa e Organização**

**Alexandre Bogas Fraga Gastaldi**

Acontece Arte e Política LGBTI+

**Bruna Benevides**

ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais

**Symmy Larrat**

ABGLT - Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos

### **Sistematização dos Dados**

Ale Mujica Rodriguez – MD. Doutore em Saúde Coletiva (UFSC)

Alexandre Bogas Fraga Gastaldi – Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (UFSC)

Beatriz Antunes da Rosa – Graduanda em Serviço Social (UFSC)

Caroline Santos e Souza – Graduada em Ciências Sociais (UFSC)

Janaína Machado de Lima – Comunicadora Social

Joana Paraíso Tambke – Graduanda em Geografia (UFSC)

José Marcelo Domingos de Oliveira – Grupo Gay da Bahia

Kayque Virgens Cordeiro da Silva – Mestrando em Geografia (UNESP)

Lucas Ribeiro Bonatto – Graduando em Geografia (UFSC)

Valmor Manoel Vieira Neto – Graduado em Jornalismo (UFSC)

Wilians Ventura Ferreira Souza – Mestrando em Geografia (UNESP)

### **Análise e Escrita**

Bruna Benevides – Secretária de Articulação Política da ANTRA

Maria Helena Lenzi – Professora do Departamento de Geociências (UFSC)

Pietra Fraga do Prado – Graduada em Psicologia (UFSCar)

Tiago Cargnin Gonçalves – Professor de Geografia (IFPE)

### **Produtos Cartográficos / Mapas**

Wilians Ventura Ferreira Souza – Mestrando em Geografia (UNESP)

### **Revisão Textual**

Alexandre Bogas Fraga Gastaldi – Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (UFSC)

Fabricio Bogas Gastaldi – Mestre em Teatro (UDESC)

Pietra Fraga do Prado – Graduada em Psicologia (UFSCar)

Tiago Cargnin Gonçalves – Professor de Geografia (IFPE)

### **Fontes Complementares de Informações / Colaboradoras**

Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA)

Observatório de Políticas Públicas LGBTI+ do Maranhão

Grupo Gay de Alagoas

UNA LGBT Brasília

Distrito Drag

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Fernanda Moraes da Silveira

### **Visualização de Dados**

Carolina Figueiredo Menezes

### **Financiamento**

Fundo Brasil

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

M887

Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2021 / Acontece Arte e Política LGBTI+; ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais); ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos). – Florianópolis, SC: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2022.

72f.

ISBN: 978-65-994905-1-4.

1. Direitos e liberdades fundamentais. 2. LGBTI+. 3. Estatística. 4. Homo-Lesbo-Bi-Transfobia. 5. Travestis. 6. Mortes violentas I. Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil. II. Alexandre Bogas Fraga Gastaldi. III. Bruna Benevides. IV. Symmy Larrat.

CDU 342.722(81)  
CDD 342.81023

**Bibliotecário Marcos Felipe Gonçalves Maia**  
CRB-2 / 1.445



## PREFÁCIO

A pesquisa que apresentamos aqui é resultado do esforço conjunto de diversas pessoas e instituições que se uniram para aprofundar as discussões em torno das violações de Direitos Humanos, dos assassinatos e mortes violentas contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e pessoas intersexo (LGBTI+) no ano de 2021. Essa é a primeira vez que partimos de uma base de dados comum, contando com o olhar de ativistas, militantes, especialistas e experts, de diversos seguimentos de nossa comunidade, com qualificações em múltiplas áreas e que, juntas, aceitaram o desafio de garantir um olhar atento às especificidades de cada identidade. É nesse contexto, de diversidade e para a diversidade, que nasceu o Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+.

O Observatório foi possível devido a uma importante articulação entre a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), a Acontece – Arte e Política LGBTI+ e a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT), instituições da sociedade civil que organizam, de forma coletiva, ativistas mobilizadas politicamente e que têm notória atuação pública, prestando um serviço altamente relevante para a comunidade LGBTI+ e para o próprio país, que, agora, passa a contar com mais essa ferramenta de denúncia. É por meio do Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ que pretendemos aprimorar não apenas o método de realizar esta pesquisa como também o conteúdo e a publicação de dados sobre a situação de violência contra a nossa comunidade. Essa iniciativa demonstra a capacidade de organização coletiva e sinaliza a construção de alianças que priorizam uma luta pautada no compromisso mútuo com aquelas pessoas que acreditam em nosso trabalho e se sentem representadas por ele.

Diante disso, e ao discutirmos os dados desta pesquisa, algo que nos chama a atenção é o flagrante descaso do Estado em reconhecer e propor ações e

em instituir e investir em políticas públicas, a fim de mitigar os impactos da violência em todas as formas que ela se expressa. Essa displicência evidencia a LGBTIfobia institucional presente na forma como as instituições de segurança e do próprio judiciário negligenciam as demandas relacionadas às violências motivadas por orientação sexual e/ou identidade de gênero. Mesmo quando o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu a LGBTIfobia como racismo LGBTIfóbico, observamos que, além dos retrocessos e desinvestimentos no enfrentamento à violência de gênero, as conquistas que foram alcançadas até aqui têm sido insuficientes para frear os recorrentes casos de violações de Direitos Humanos e a quantidade de assassinatos de pessoas LGBTI+. Essas circunstâncias colocam o Brasil como um dos países mais violentos do mundo para pessoas dissidentes da norma cis-hétero-normativa.

Os dados que serão apresentados trarão informações preciosas, com recortes específicos separados por identidade/segmentos, para que sejam reconhecidas as diferentes dinâmicas com as quais a discriminação tem vitimado cada um desses segmentos. Além disso, os fatores analisados, como classe, raça, gênero e território, revelam o perfil das vítimas da LGBTIfobia no país, assim como evidenciam que a violência LGBTIfóbica atua de múltiplas formas. Esse é um dado altamente importante, pois é a partir dele que poderão ser pensadas políticas públicas eficazes contra essas violações e que considerem a interseccionalidade e a forma como alguns corpos estão mais expostos e, conseqüentemente, mais suscetíveis a determinadas violências.

***Bruna Benevides, ANTRA.***

# SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>2. METODOLOGIA</b>	<b>9</b>
<b>3. VIOLÊNCIA CONTRA A POPULAÇÃO LGBTI+ NO BRASIL</b>	<b>15</b>
3.1 Faixa Etária das vítimas	21
3.2 Raça e Etnia das vítimas	23
3.3 Profissão e Ocupação das vítimas	24
3.4 Orientação Sexual das vítimas	26
3.5 Identidade de Gênero das vítimas	27
3.6 Causa Mortis	29
3.7 Local da Morte	29
3.8 Período da Morte	31
3.9 Vítimas de Suicídio	32
3.10 Assassinatos de Defensores/as de Direitos Humanos	34
<b>4. DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS MORTES</b>	<b>35</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES</b>	<b>45</b>
<b>6. APÊNDICES</b>	<b>48</b>



# 1. APRESENTAÇÃO



O **Dossiê de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil** é resultado de um esforço coletivo de produção e sistematização de dados sobre a violência e a violação de direitos sofridas por pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, mulheres e homens trans, pessoas transmasculinas, não binárias e demais dissidências sexuais e de gênero, aqui chamadas de LGBTI+. Este documento é produzido por meio do Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+<sup>1</sup>, que teve seu início em janeiro de 2020, quando foi coordenado pela Acontece – Arte e Política LGBTI+<sup>2</sup> e pelo GGB – Grupo Gay da Bahia<sup>3</sup>. Nesta parceria foram concluídos o Relatório de 2020<sup>4</sup> e o Relatório Parcial de “Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil”<sup>5</sup>, referente ao período de janeiro a setembro de 2021.

A partir de outubro de 2021, a **Acontece** Arte e Política LGBTI+ estabeleceu parceria com a **ANTRA** – Associação Nacional de Travestis e Transexuais<sup>6</sup> e a **ABGLT** – Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos<sup>7</sup>, a fim de elaborar este Dossiê. O trabalho foi realizado por meio de uma base de dados, compartilhada entre essas três instituições e que contém os registros dos casos ocorridos durante o ano de 2021. Período no qual foi observado a morte violenta de 316 pessoas LGBTI+ no Brasil, sendo 285 assassinatos, 26 suicídios e 5 mortes por outras causas.

Os dados apresentados nesta pesquisa mostram como a violência contra a população LGBTI+ é parte de um contexto de LGBTIfobia estrutural, definida como discriminação, aversão ou ódio, de conteúdo individual ou coletivo, baseado na inferioridade das pessoas LGBTI+ em relação à heteronormatividade. Isso implica em ausência de medidas e ações que incluam essa população

em políticas públicas, propagando exclusão, violência e negação de direitos, especialmente os Direitos Fundamentais, como a própria vida.

Nesse sentido, adotamos a mesma postura epistemológica e política dos movimentos feminista, negro e indígena, que compreendem, respectivamente, todas as mulheres, pessoas negras e indígenas como vítimas do machismo e do racismo estruturais. Consideramos como LGBTIfobia estrutural não apenas as mortes violentas e com indícios diretos de ódio, mas também os frequentes casos de ameaças e agressões – físicas, psicológicas, patrimoniais, sexuais, morais etc. – praticadas cotidianamente contra as pessoas LGBTI+ e, infelizmente, naturalizadas pela sociedade.

No caso específico de pessoas trans, consideramos que os efeitos da transfobia contribuem para que o cissexismo<sup>8</sup> seja a estrutura principal que organiza e mobiliza grupos, atitudes, ações e políticas contra os direitos das pessoas trans e travestis, contribuindo, por ação e/ou por omissão, para o processo de vulnerabilização e precarização dessa população. Assim, aumenta-se em muito as chances de serem vítimas de crimes de ódio, violações de direitos humanos e outras violências transfóbicas, o que tem colocado o Brasil como o país que mais assassina pessoas trans do mundo pelo 13º ano consecutivo de acordo com os dados mais recentes da ONG Transgender Europe.

Por considerarmos a LGBTIfobia um problema estrutural, adotamos o termo “mortes violentas” para tratar o conjunto dos diferentes tipos de mortes analisados neste Dossiê. Além dos casos explícitos de ódio e violência, como os assassinatos, que incluem tanto homicídios quanto latrocínios, compreendemos que,

1. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/>

2. Disponível em: <https://www.acontecelgbi.org/>

3. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com/>

4. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/>

5. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/>

6. Disponível em: <https://antrabrasil.org/>

7. Disponível em: <https://www.abglt.org/>

8. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>; p. 8



nos casos de suicídios, muitas vezes podem ser identificados elementos que denunciam a mesma LGBTIfobia estrutural. Também consideramos como violentas as mortes ocorridas em função da busca por procedimentos estéticos devido à pressão estética, uso de substâncias ilícitas e outros óbitos com causas não identificadas mas associadas a contextos de LGBTIfobia.

Tratar da LGBTIfobia implica em análises complexas dos contextos em que as violências ocorrem, de modo que raramente é possível apontar uma causa única a essas mortes violentas. A própria situação de vulnerabilidade em que parte dessa população está inserida, sobretudo pessoas negras e periféricas, aumenta mais ainda as chances de violências as acometerem.

Outros fatores de risco são repetidamente observados, como nos casos de travestis que se encontram em situação de rua e atuam em contextos de prostituição mais precarizada, de lésbicas cisgêneras que são perseguidas por ex-parceiros ou que estão em conflitos conjugais com outras mulheres, de gays cisgêneros que moram sozinhos e sofrem discriminação por parte de vizinhos e parentes por não poderem vivenciar suas relações publicamente, entre outros.

Além de denunciar a violência contra a população LGBTI+ praticada no Brasil, pretendemos, com esta pesquisa, problematizar as condições de vida e de vulnerabilidade dessa população, lançando questões que evidenciam a presença da LGBTIfobia estrutural em nossa sociedade, as quais precisam ser consideradas pelas instituições responsáveis e pelas organizações interessadas em garantir direitos às pessoas LGBTI+.

Este Dossiê está dividido em seis partes, incluindo esta **Apresentação**. No item **Metodologia**, descrevemos como a pesquisa foi realizada e como os dados foram tratados a fim de subsidiar as discussões.

No tópico **Violência contra a população LGBTI+ no Brasil**, apresentamos, por meio de uma análise detalhada do perfil das vítimas e das condições das mortes ocorridas, um retrato da violência praticada contra a população LGBTI+ em 2021. No item **Distribuição espacial das mortes de LGBTI+ no Brasil**, realizamos um esforço de representação cartográfica das mortes violentas de pessoas LGBTI+ ocorridas no Brasil em 2021. Os mapas produzidos retratam os dados em três escalas diferentes: por município, por unidade da federação e por macrorregião. No tópico **Considerações Finais e Recomendações**, expomos uma série de ações a serem implementadas pelos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário em suas diversas instâncias de poder e em consonância com as organizações da sociedade civil e demais organismos independentes de direitos civis, a fim de garantir maiores direitos à população LGBTI+ e cessar a violência contra essas pessoas. Por fim, nos **Apêndices** incluímos as tabelas com os dados completos utilizados para a escrita deste Dossiê.

A elaboração do **Dossiê de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil**, em 2021, contou com o importante apoio do Fundo Brasil de Direitos Humanos, que tem financiado uma série de ações realizadas pela Acontece LGBTI+<sup>9</sup>. A disponibilidade desses recursos foi fundamental para garantir a qualidade do trabalho desenvolvido pelo Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ durante o ano de 2021. Esperamos que as próximas edições também disponham de fontes de apoio para assegurar a continuidade desta pesquisa.

9. Dentre as ações da Acontece Arte e Política LGBTI+ financiadas pelo Fundo Brasil de Direitos Humanos, destacamos: incidir nas políticas públicas; garantir ações do Observatório de Mortes e Violências LGBTI+; fortalecer e mobilizar a comunidade LGBTI+; auxiliar atendimento à população LGBTI+; e fortalecer a Acontece LGBTI+.





# 2. METODOLOGIA

A elaboração do **Dossiê de Mortes e Violências contra a População LGBTI+** tem como principal desafio a ausência de dados governamentais. Nossas fontes não têm como base os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), já que este não produz quaisquer dados sobre pessoas LGBTI+, do Ministério da Saúde ou de qualquer outra instância governamental (Disque 100, etc). Os dados hemerográficos que apresentamos são produzidos ao longo do processo de construção deste trabalho e provêm de notícias encontradas em jornais, portais eletrônicos e redes sociais.

As principais fontes de dados consultadas para esta pesquisa foram notícias publicadas na mídia. Quando necessário, essas informações foram complementadas por fontes alternativas, como as redes sociais das vítimas, de pessoas próximas ou de organizações denunciadoras dos casos de mortes violentas. No ano de 2021, as informações foram obtidas em canais de grande circulação, como os portais G1 e UOL, em jornais de abrangência local, em redes sociais, como o Facebook e o Instagram, e por meio de relatos enviados aos canais de comunicação das organizações integrantes do Observatório.

Entendemos que a existência e concepção desta pesquisa é uma resposta encontrada pela sociedade civil para a ausência de dados governamentais a respeito das mortes violentas de pessoas LGBTI+, tendo em vista que o trabalho é realizado por movimentos sociais, coletivos e organizações não governamentais, o que evidencia a falta de atenção do Estado à violação de direitos dessa população.

Em vista disso, consideramos necessário problematizar as dificuldades encontradas na divulgação dos dados produzidos pela sociedade civil e movimentos sociais, como é o caso desta pesquisa, e nos

mobilizar ainda mais para garantir a consistência e fidedignidade dos dados. Isso é relevante para que essas informações subsidiem a elaboração de políticas públicas pelas esferas governamentais (municipal, estadual/distrital e federal), de modo que, se utilizados, os dados apresentados possibilitem um avanço na discussão em torno das violências e violações sofridas pela população LGBTI+ e no combate à LGBTIfobia estrutural.

A ausência de dados governamentais e a utilização de informações disponíveis na mídia apontam para uma limitação metodológica desta pesquisa. Como dependemos do reconhecimento da identidade de gênero e da orientação sexual das vítimas por parte dos veículos de comunicação que reportam as mortes, é possível que muitos casos de violências praticadas contra pessoas LGBTI+ sejam omitidos. Há, provavelmente, uma significativa subnotificação do número de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil.

No decorrer do ano de 2021, adotamos os seguintes procedimentos de seleção e sistematização dos dados:

**1. Levantamento de notícias:** a partir do cadastramento de palavras-chave no *Google Alerts*,<sup>10</sup> fizemos uma triagem das notícias recebidas por e-mail. As que tratavam de mortes violentas de pessoas LGBTI+ ocorridas em 2021 foram encaminhadas para a próxima etapa, enquanto as demais foram descartadas;

**2. Avaliação e discussão dos casos:** após a seleção das notícias consideradas pertinentes ao levantamento, discutimos e avaliamos as condições de cada morte, encaminhando os casos para sistematização;

**3. Sistematização das mortes:** de acordo com a disponibilidade de informações existentes nas fontes, os casos foram organizados conforme o mês de

10. **Palavras-chave como:** gay assassinado, gay latrocínio, gay homicídio, gay morto, gay suicídio, crime homofóbico, homossexual assassinado, homossexual latrocínio, homossexual homicídio, homossexual morto, homossexual suicídio, crime lesbofóbico, lésbica assassinada, lésbica latrocínio, lésbica homicídio, lésbica morta, lésbica suicídio, crime bifóbico, bissexual assassinado, bissexual latrocínio, bissexual homicídio, bissexual morto, bissexual suicídio, bissexual assassinada, bissexual morta, crime transfóbico, travesti assassinado, travesti latrocínio, travesti homicídio, travesti suicídio, travesti assassinada, transexual assassinado, transexual latrocínio, transexual homicídio, transexual morto, transexual suicídio, transexual assassinada, transexual morta, trans assassinado, trans latrocínio, trans homicídio, trans morto, trans suicídio, trans assassinada e trans morta.



ocorrência das mortes, destacando-se as seguintes características das vítimas: o segmento da população LGBTI+ a qual pertencia, o que contempla tanto a orientação sexual quanto a identidade de gênero das vítimas, a raça/etnia, a idade e a profissão/ocupação das pessoas violentadas. Além do perfil das vítimas, buscamos categorizar as condições das mortes, o que inclui o período e o local de ocorrência (espaços públicos ou privados), a causa e a tipificação dos óbitos, além da cidade/unidade da federação em que os casos foram noticiados;

**4. Representação cartográfica das mortes:** finalmente, após a sistematização de todos os casos ocorridos

em 2021 a que tivemos acesso, fizemos a representação cartográfica das mortes em três escalas de análise: municipal, estadual/distrital e macrorregional.

Em conformidade com as etapas listadas acima, as informações extraídas das fontes consultadas contribuíram para a construção de um amplo banco de dados que subsidiou a elaboração desta pesquisa. O material foi organizado em uma planilha de excel estruturada em colunas que explicitam, de forma detalhada, o perfil das vítimas e as condições das mortes (Quadro 1).

## QUADRO 1: VARIÁVEIS ANALISADAS DURANTE A SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS DE 2021

Colunas	Descrição
<b>Código do PDF</b>	A primeira coluna foi utilizada para identificar as notícias. Quando inserimos as notícias nas pastas correspondentes a cada mês, mantivemos o seu título original, dando início ao processo de sistematização. O código do PDF foi composto pela data da morte (ano, mês e dia), seguido de uma letra (A, B, C...) que indica a existência de mais de um registro por dia. Ex: 2020_02_23_A.pdf.
<b>Data da morte</b>	Indica a data da morte da vítima.
<b>Data da notícia</b>	Indica a data em que foi veiculada a informação do crime ou suicídio.
<b>Mês</b>	Indica o mês de ocorrência da morte.
<b>Código do município</b>	Indica o código do município, estabelecido pelo IBGE, onde o crime ou o suicídio aconteceu.
<b>Município</b>	Indica o nome do município onde o crime ou suicídio aconteceu.
<b>UF</b>	Indica em qual Unidade da Federação (UF) o crime ou o suicídio aconteceu.
<b>Macrorregião</b>	Indica a macrorregião onde o crime ou o suicídio aconteceu.
<b>Local</b>	Indica o local onde o crime ou o suicídio aconteceu.
<b>Espaço</b>	Indica se a morte aconteceu em espaço público ou privado.
<b>Nome da vítima</b>	Indica o nome da vítima.
<b>Nome social/alcunha</b>	Indica o nome social/alcunha da vítima
<b>Período</b>	Indica o período (matutino, vespertino ou noturno) em que o crime ou o suicídio ocorreu.

<b>Colunas</b>	<b>Descrição</b>
<b>Título da notícia</b>	Indica o título original da notícia.
<b>Orientação sexual</b>	Indica a orientação sexual da vítima.
<b>Identidade de gênero</b>	Indica a identidade de gênero da vítima.
<b>Segmento</b>	Indica a qual segmento LGBTI+ a vítima pertencia.
<b>Raça/Etnia</b>	Indica a raça/etnia da vítima.
<b>Idade</b>	Indica a idade da vítima.
<b>Profissão/ocupação</b>	Indica a profissão ou a ocupação da vítima.
<b>Tipificação</b>	Indica a tipificação da morte, ou seja, se se trata de um homicídio, latrocínio ou suicídio.
<b>Quantidade de golpes</b>	Indica a quantidade de golpes (tiros, facadas, pauladas) que a vítima recebeu.
<b>Relação vítima x agressor</b>	Indica a relação existente entre a vítima e a pessoa agressora.
<b>Causa Mortis</b>	Indica a causa da morte.
<b>Circunstâncias</b>	Indica em que circunstâncias o crime ou o suicídio aconteceu.
<b>Fonte</b>	Indica a fonte da notícia.
<b>Autoria</b>	Indica a autoria da notícia.
<b>URL</b>	Indica o endereço eletrônico da notícia.
<b>Redes Sociais</b>	Indica as redes sociais da vítima.
<b>Foto</b>	Indica se há foto da vítima.
<b>Data da sistematização</b>	Indica a data da sistematização da notícia.
<b>Responsável pela sistematização</b>	Indica a pessoa responsável pela sistematização da notícia.
<b>Qualificador LGBTIfobia</b>	Indica o tipo de LGBTIfobia praticada (homofobia, transfobia, lesbofobia etc.).
<b>Justificativa</b>	Indica a justificativa utilizada para preenchimento do campo anterior (Qualificador LGBTIfobia).
<b>Situação do caso</b>	Indica a situação do caso no processo de investigação.
<b>Comentários</b>	Apresenta comentários gerais sobre a morte.

FONTE: Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2021.



Não podemos deixar de pontuar que, em muitas notícias analisadas, a disponibilidade de informações foi limitada, o que dificultou o preenchimento da tabela e, conseqüentemente, inviabilizou uma análise mais detalhada desses casos específicos. A fim de reduzir essas lacunas, buscamos fontes complementares e alternativas, como consulta em ferramentas *online* de pesquisa e em perfis nas redes sociais, ainda que muitos casos tenham ficado sem esclarecimento. Nos quadros, gráficos e tabelas apresentados aqui, adotamos como padrão o termo “Não informado” para designar, quantificar e representar as informações indisponíveis nas fontes consultadas.

Optamos pelo uso da cartografia no Dossiê em função da potencialidade dos mapas para uma análise espacial mais aprofundada. Primeiramente, utilizamos o Philcarto© como *software* de mapeamento, o qual permite técnicas de exploração dos dados por meio da visualização cartográfica. Após o mapeamento no Philcarto©, realizamos a diagramação final dos mapas no *software* Adobe Illustrator©.

Os mapas foram elaborados em três escalas de análise – municipal, estadual/distrital e macrorregional –, que permitem compreender a violência contra a população LGBTI+ de duas formas: em suas particularidades locais, evidenciando cidades e regiões metropolitanas mais violentas; e, no nível das unidades da federação e das macrorregiões brasileiras, de forma mais ampla, na medida em que explicita os grandes territórios em que as pessoas LGBTI+ encontram-se mais vulneráveis.

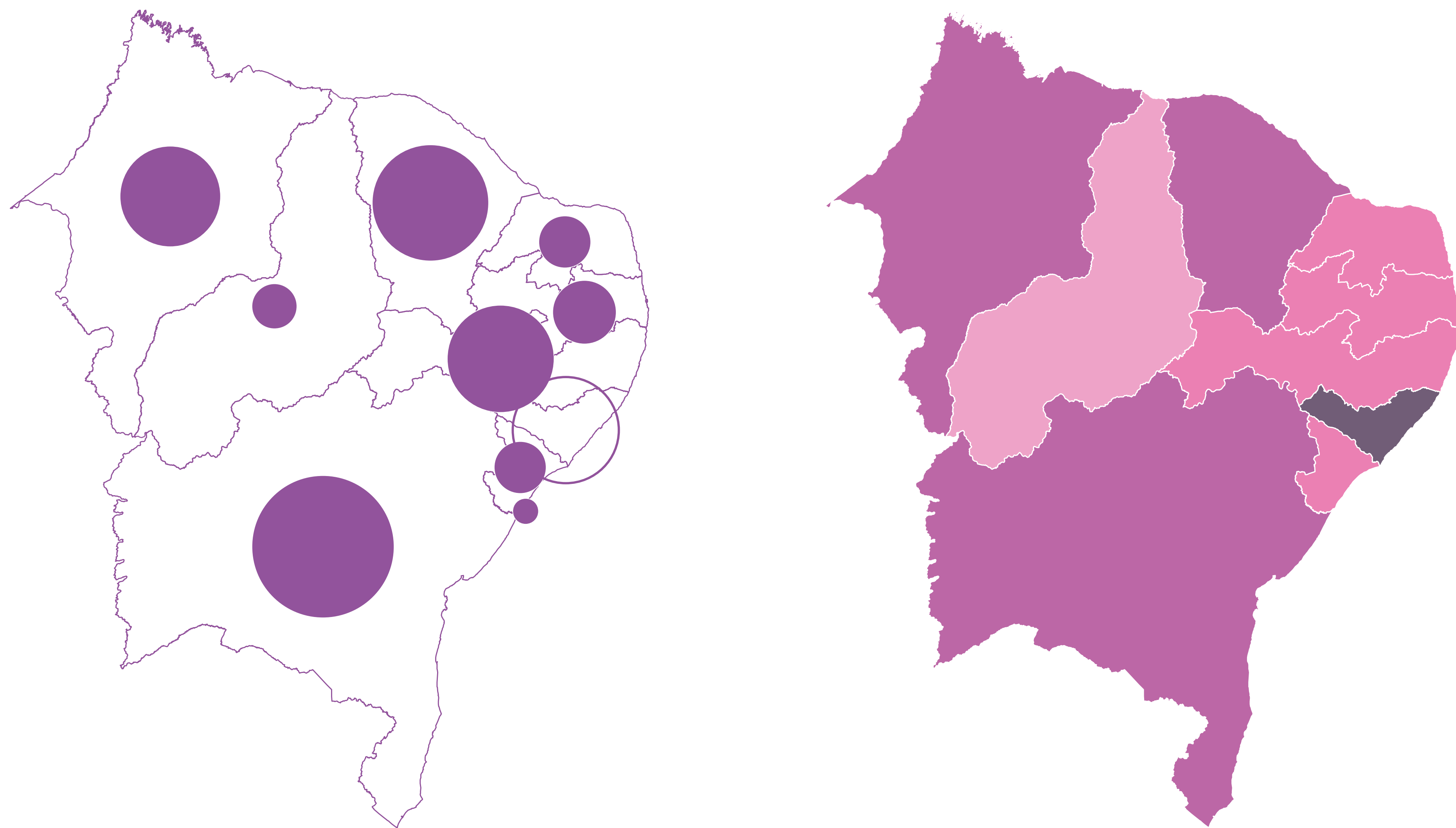
Os dados expressos nos mapas foram trabalhados a partir de duas formas de representação: dados absolutos e dados relativos (Figura 1). Os dados absolutos estão representados pelos círculos existentes em cada unidade espacial. Já os dados relativos estão retratados pelas diferentes cores do mapa, que evidenciam a quantidade de mortes a cada milhão de habitantes.

Foram utilizados os dados da Estimativa da População de 2021 divulgados pelo IBGE para o cálculo de mortes por milhão de habitantes<sup>11</sup>. Consideramos necessárias e complementares as duas formas de representação, pois enquanto uma permite compreender as unidades espaciais individualmente (dados absolutos), a outra possibilita estabelecer relações entre as unidades espaciais em função do contingente populacional de cada uma delas (dados relativos).

Ressaltamos que esta pesquisa configura-se como um panorama da situação social vivenciada pela população LGBTI+ no Brasil. Expressamos abertamente que, por mais que nos esforcemos para representar e catalogar a notável situação desumana que estão expostas as pessoas LGBTI+ no Brasil, as complexidades que materializam tais violações que, em último grau, resultam no assassinato dessa população, não estão aqui representadas em sua totalidade, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. Para fazê-lo, é necessária a ampliação de recursos, tanto humanos quanto financeiros, para nos articularmos com as Secretarias Estaduais de Segurança Pública e com os Institutos Médicos Legais (IMLs), dentre outras instituições, condições que estamos construindo para os próximos Dossiês.

11. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-etimativas-de-populacao.html>

**FIGURA 1:**  
**REPRESENTAÇÃO DOS DADOS ABSOLUTOS E RELATIVOS NOS MAPAS**



**FONTE:** Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2021.





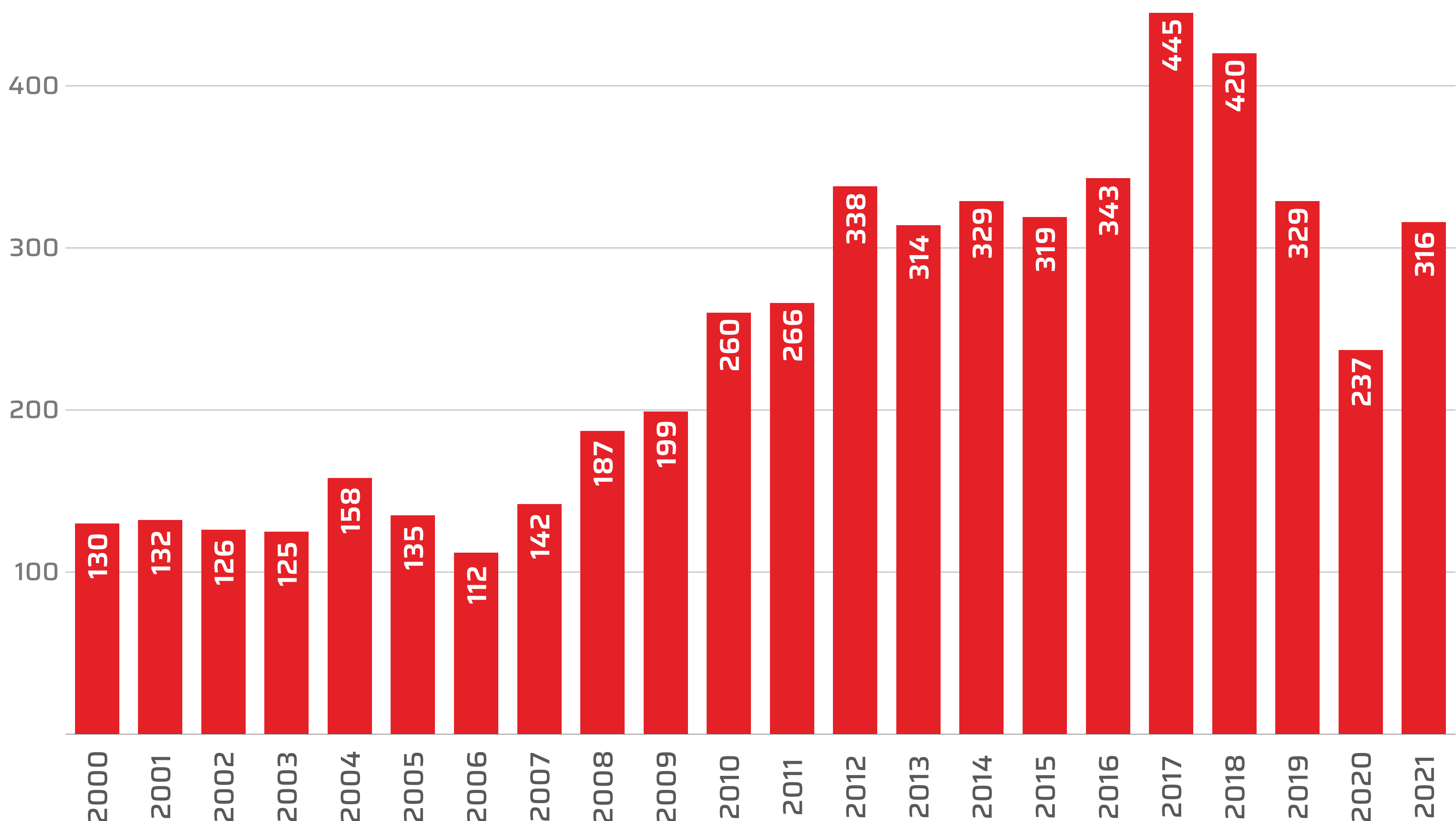
A população brasileira LGBTI+ tem sido vitimada por diferentes formas de mortes violentas desde a colonização do país, mesmo antes das denominações atuais de sexualidade e gênero. Em função da LGBTIfobia estrutural, essas pessoas são colocadas em situação de vulnerabilidade por não se enquadrarem em um padrão socialmente referenciado na heteronormatividade<sup>12</sup>, na binariedade<sup>13</sup> e na cisnormatividade<sup>14</sup>. O Brasil se constitui como um país extremamente inseguro para essa população, como podemos observar na Figura 2, que indica uma tendência de crescimento no número de mortes violentas de LGBTI+ nas últimas duas décadas, e na descrição de alguns casos ocorridos em 2021. É

importante constar que esse aumento no número de mortes está atrelado à articulação e atenção que o movimento LGBTI+ tem dado a tal demanda, já que a violência sempre ocorreu historicamente, mas não se tinha um esforço de mensurá-la e combatê-la.

Entre 2000 e 2021, 5.362 (cinco mil e trezentas e sessenta e duas) pessoas morreram em função do preconceito e da intolerância de parte da população e devido ao descaso das autoridades responsáveis pela efetivação de políticas públicas capazes de conter os casos de violência. Em 2021, registramos um total de 316 mortes de pessoas LGBTI.

FIGURA 2:

## NÚMERO DE MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL ENTRE 2000 A 2021



FONTE: Acontece LGBTI+, Grupo Gay da Bahia, Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2021.

12. Reis e Teixeira (2017) descrevem a heteronormatividade como “uma padronização de sexualidade que regula o modo como a sociedade contemporânea está organizada, em um padrão de normalidade heterossexual, impondo normas sobre o corpo e limitando suas performances”, subjulgando qualquer sexualidade dissidente dessa norma. Disponível em: <http://jornalold.faculdadecienciasdauida.com.br/index.php/RBCV/article/view/292/>

13. Pontes e Silva (2017) definem a binariedade como a noção [preconceituosa] de que os corpos, se normais, terão seus gêneros definidos a partir de duas alternativas, sendo elas: macho/homem, fêmea/mulher. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i8.23211>

14. O conceito de cisnormatividade refere-se à compreensão de que todo mundo nasce cisgênero e que há uma continuidade e persistência da identificação de gênero designada com base no sexo biológico ao longo da vida, julgada pela repetição das expectativas de performances de gênero associadas a homens e a mulheres. Dessa forma, as marcas corporais relacionadas ao “sexo biológico” são tomadas como naturais e objetivas para definição de sexo-gênero, associando sexo à esfera biológica e gênero à cultural (Pontes & Silva, 2017). Disponível em: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i8.23211>



Dentre as mortes que ocorreram no ano de 2021, contextualizamos aqui quatro casos com o intuito de explicitar o grau de crueldade de muitas dessas mortes, que são praticadas de modo a expor a identidade de gênero e a orientação sexual dessas pessoas, o que reforça que se tratam de crimes LGBTIfóbicos.

- O jovem **Lindolfo Kosmaski**, branco, de 25 anos, gay e integrante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), foi assassinado com dois tiros, além de ter o corpo carbonizado, em 1º de maio de 2021, na cidade de São João do Triunfo/PR<sup>15</sup>;

- **Roberta Silva**, mulher trans negra em situação de rua, teve 40% do corpo queimado por um adolescente, no Centro do Recife/PE, em 24 de junho, enquanto dormia nas proximidades do Cais de Santa Rita. Por conta das queimaduras, veio a óbito semanas depois do crime<sup>16</sup>;

- **Leila Debora Barbosa Brito**, mulher lésbica, foi abordada e assassinada por dois homens, sendo um menor de idade, quando voltava de uma mercearia com a namorada, e encontrada pela polícia em uma área de vegetação, nos fundos de um lote, em Betim/MG. A vítima foi levada para o meio do mato, estuprada e assassinada com 16 disparos de arma, em diversas regiões do corpo. Foi encontrada enterrada com a cabeça exposta, pelo menos 24 horas depois do óbito<sup>17</sup>;

- **Vida Bruno**, homem trans negro, coordenador de Políticas e Promoção da Cidadania LGBT da Prefeitura Municipal de Salvador/BA, foi agredido na cabeça enquanto estava em um restaurante em novembro de 2020. Dias depois foi internado e, após dois meses,

faleceu em decorrência dos ferimentos. Segundo relatos, quando o proprietário do restaurante percebeu que se tratava de um homem trans, abriu a camisa de Vida Bruno e expôs os seios dizendo: "Não se trata de homem! Isso aqui é uma puta negra."<sup>18</sup>

Para uma melhor compreensão das mortes ocorridas em 2021, agrupamos as vítimas em seis possíveis segmentos LGBTI+<sup>19</sup>, pensados a partir da orientação sexual e da identidade de gênero dessas pessoas. São eles: gay; lésbica; bissexual; travesti e mulher transexual; homem trans e pessoa transmasculina; e outras pessoas vitimadas pela LGBTIfobia, identificadas nos gráficos e tabelas como "Outros segmentos"<sup>20</sup>. Reconhecemos que a escolha dessas seis categorias não dá conta da multiplicidade de expressões identitárias da população LGBTI+, entretanto, para fins de análise, entendemos que elas permitem uma percepção mais acurada do perfil das vítimas e das motivações das violências praticadas (Figura 3).

Dentre os seis segmentos analisados, dois grupos foram os mais violentados, reunindo um pouco mais de 90% dos casos: a população de homens gays, representando 45,89% do total (145 mortes); e as travestis e mulheres trans, com 44,62% dos casos (141 mortes). Foram encontrados ainda casos contra mulheres lésbicas, com 3,80% das mortes (12 casos); os homens trans e pessoas transmasculinas corresponderam a 2,53% dos casos (oito mortes); as pessoas bissexuais equivaleram a menos de um por cento (três mortes); e as pessoas identificadas como outros segmentos também corresponderam a menos de um por cento dos casos (três mortes). Houve, ainda, quatro pessoas cujo segmento (orientação sexual e/ou

15. Disponível em: <https://mst.org.br/2021/05/02/nota-de-pesar-pelo-assassinato-de-lindolfo-kosmaski/>.

16. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2021/07/09/morre-a-mulher-trans-que-teve-40percent-do-corpo-queimado-por-adolescente-no-centro-do-recife.ghtml>

17. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/03/19/pm-encontra-corpo-de-mulher-assassinada-com-16-tiros-em-betim-na-grande-bh.ghtml>

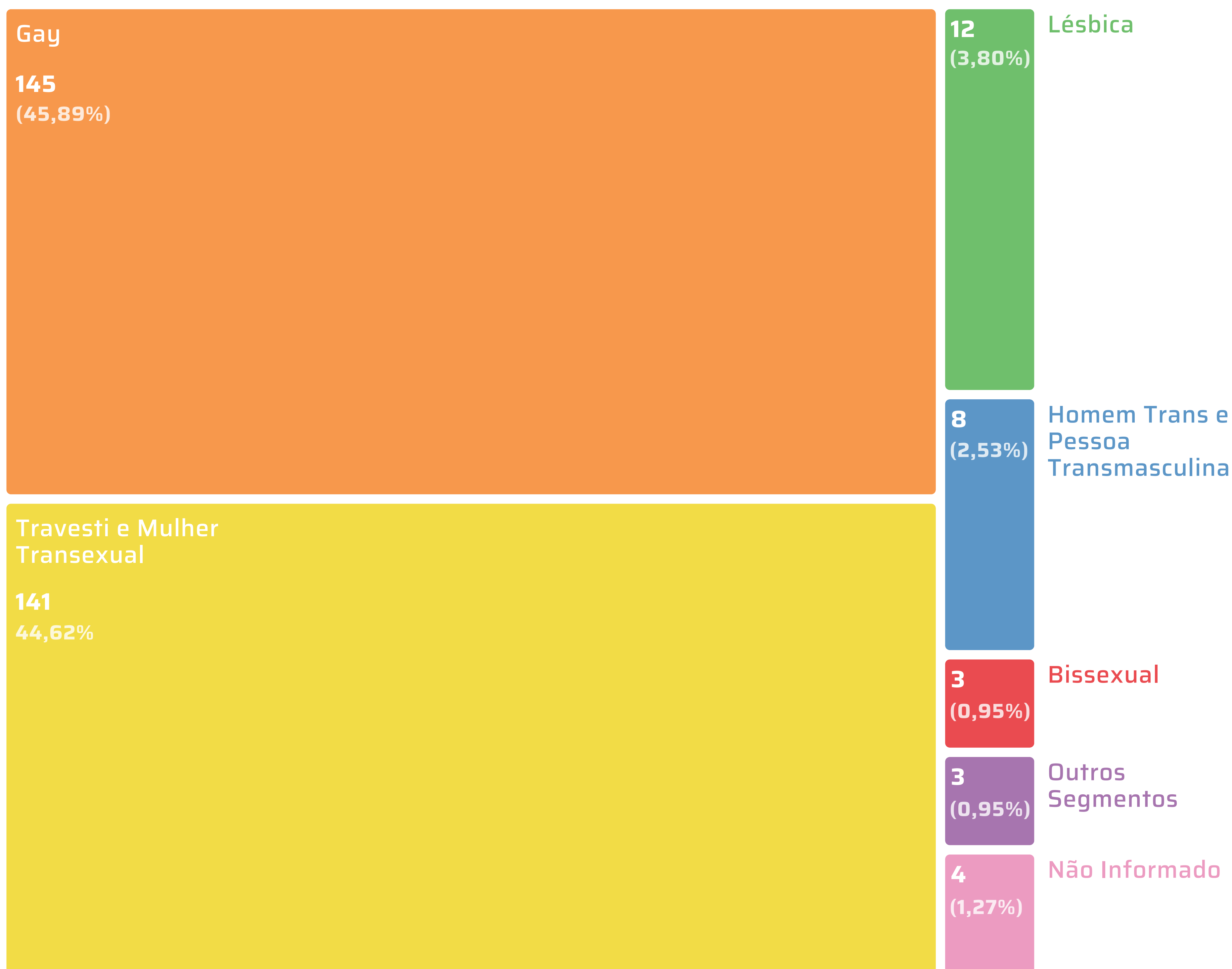
18. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/04/08/familia-de-ativista-lgbt-morto-quer-novo-inquerito-contr-restaurante-da-ba.htm>

19. Nesta pesquisa, consideramos a utilização do termo gay para nos referir ao segmento de homens gays cisgêneros, assim como lésbicas para mulheres lésbicas cisgêneras, e bissexuais para bissexuais cisgêneros.

20. Incluímos nessa categoria pessoas cisgêneras que se identificavam ou foram identificadas por terceiros como heterossexuais e que, ainda assim, foram mortas ou se suicidaram em decorrência dos reflexos da LGBTIfobia estrutural ao não suportarem terem sido consideradas como pessoas LGBTI+.



**FIGURA 3:**  
**NÚMERO DE MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR SEGMENTO, EM 2021**



**FONTE:** Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2021.

identidade de gênero) não foi identificado, representando 1,27% do total.

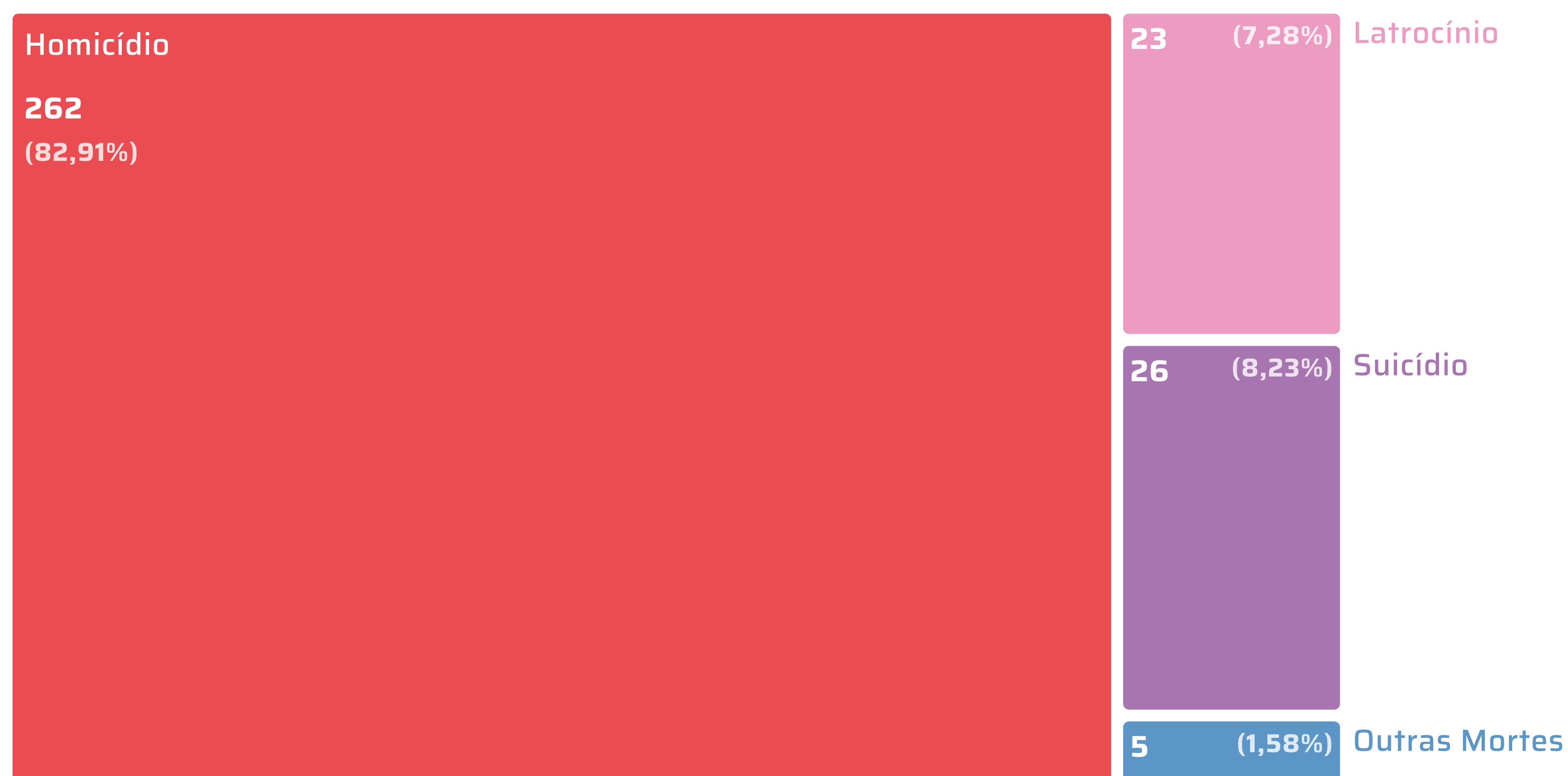
A pesquisa permitiu ainda identificar diversos tipos de violência, como agressões físicas e verbais, negativas de fornecimento de serviços e tentativas de homicídio<sup>21</sup>, que foram perpetradas em diferentes ambientes – doméstico, via pública, cárcere, local de trabalho etc. Como pode ser observado na Figura 4,

houve uma maioria de mortes provocadas por terceiros, sendo 262 homicídios, representando 82,91% do total, e 23 latrocínios, que corresponderam a 7,28% dos casos. Juntos, homicídios e latrocínios representaram 90,19% das mortes violentas. Houve também um número significativo de suicídios, com 26 casos registrados (8,23%), o que evidencia possíveis danos causados pela LGBTIfobia estrutural, que impacta significativamente a saúde mental das pessoas, podendo

21. No latrocínio o dolo é de tomar o objeto da outra pessoa mediante uso de violência ou ameaça, não de lhe tirar a vida, mas a morte acaba ocorrendo pela forma de execução da conduta. No homicídio a vontade do criminoso é de tirar a vida de outra pessoa.



**FIGURA 4:**  
**TIPIFICAÇÃO DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL EM 2021**



FONTE: Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2021.

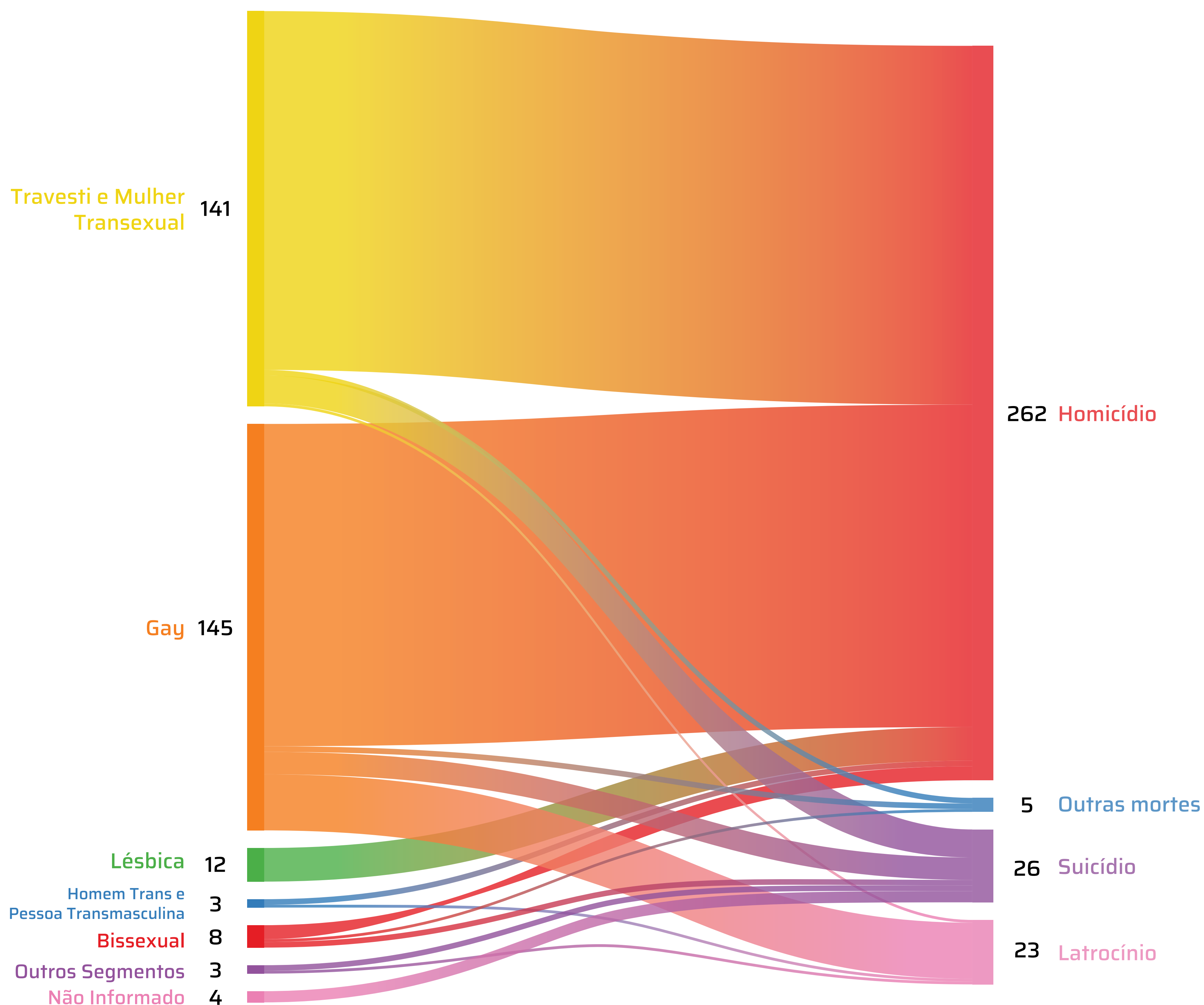
levar a intenso sofrimento ou mesmo à retirada da própria vida por pessoas em situação de vulnerabilidade.

Os cinco casos indicados como outras mortes corresponderam a situações particulares de óbitos violentos e/ou decorrentes da LGBTIfobia estrutural, não se enquadrando, desse modo, nas três categorias principais de tipificação (homicídio, latrocínio e suicídio). Dessas cinco vítimas, a primeira foi apontada como desaparecida; a segunda foi encontrada morta dentro de casa e com traços de violência, mas a fonte não indicou a tipificação do crime; a terceira teve um mal súbito enquanto fazia sexo com uma travesti em espaço público; a quarta morreu com suspeita de overdose; e a quinta morte ocorreu durante uma aplicação de hidrogel nas nádegas da vítima, o que demonstra a insegurança dos procedimentos estéticos realizados por essa população e sinaliza a necessidade de tratamento da questão como um problema de saúde pública.

Ao cruzarmos a tipificação das mortes com os segmentos LGBTI+ analisados, percebemos que, em 2021, as travestis e mulheres transexuais (128 casos) foram as que mais morreram por homicídios, seguidas pelos homens gays (115 casos). Já as vítimas de latrocínio foram majoritariamente de homens gays: 20 entre 23 casos. Todas as mulheres lésbicas morreram em função de homicídios, enquanto homens trans e pessoas transmasculinas morreram principalmente por homicídio (5) e por suicídio (2). Os suicídios foram praticados, principalmente, por travestis e mulheres transexuais (10) e por homens gays (8) (Figura 5).

Em relação ao número de pessoas trans, tiveram 2 travestis/mulheres trans assassinadas fora do país, 3 casos de desaparecimentos e 1 morte suspeita que não foram considerados nessa pesquisa.

**FIGURA 5:**  
**TIPIFICAÇÃO DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR SEGMENTO, EM 2021**



**FONTE:** Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2021.

O perfil das vítimas constitui uma categoria de análise essencial ao estudo das mortes violentas de LGBTI+ no Brasil, especialmente quando buscamos compreender a diversidade de dinâmicas e práticas socioespaciais<sup>22</sup> vivenciadas por essa população. Travestis e mulheres transexuais, por exemplo, têm sido alvo preferencial de ataques em espaços públicos, ao mesmo tempo que sua exclusão social é marcada por obstáculos de diferentes naturezas, como

a dificuldade de acesso à educação formal e ao mercado formal de trabalho, assim como a falta de oportunidades em função da condição de travestilidade e transexualidade dessas pessoas.

A violência física e psicológica contra LGBTI+ no Brasil atinge todas as raças/etnias, idades, classes sociais e profissões, ainda que de maneira diversa e, em alguns casos, até desigual. Contudo, é comum as

22. Segundo Catalão (2011), socioespaciais “são processos que envolvem as relações sociais e o espaço social. Trata-se de uma contribuição importante sobre a maneira de se refletir sobre os processos ocorrentes no âmbito da relação entre espaço e sociedade”. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/597>



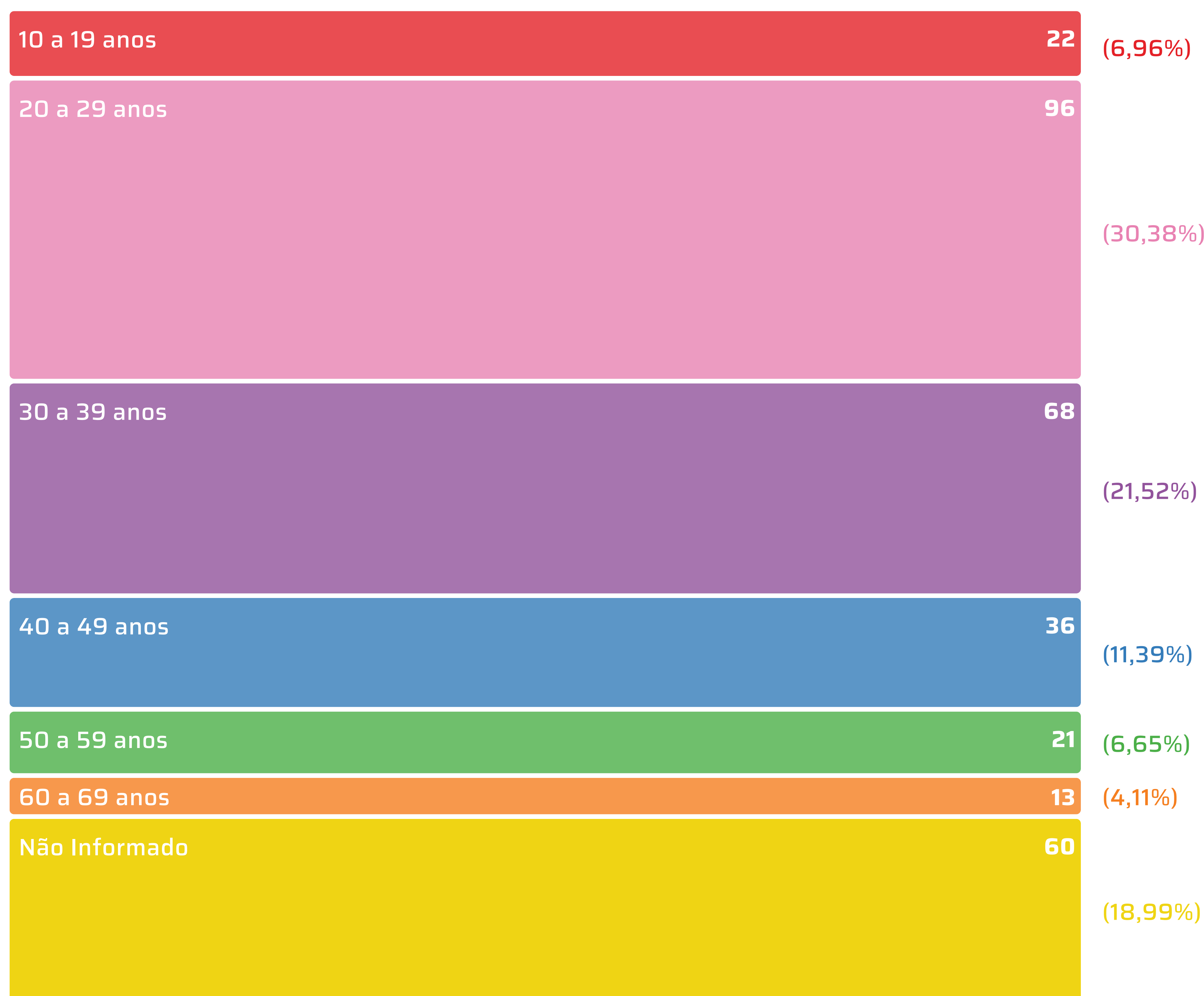
reportagens sobre assassinatos omitirem informações básicas sobre esse segmento da população, o que contribui para a sua invisibilização e para a relativização da violência. Nesse sentido, realizamos um esforço metodológico com o objetivo de melhor compreender tanto o perfil das vítimas quanto as condições das mortes violentas de pessoas LGBTI+. É o que apresentamos a seguir, destacando as seguintes informações: a faixa etária das vítimas; a raça e a etnia das pessoas mortas; a profissão ou a ocupação dessa população; sua

orientação sexual e identidade de gênero; a causa das mortes; o local e o período do dia dos casos registrados; e, por fim, uma análise mais detalhada das mortes causadas por suicídio.

### 3.1 FAIXA ETÁRIA DAS VÍTIMAS

A idade das vítimas variou de 13 a 67 anos em 2021. Distribuindo-se os casos por decênios, percebemos que a maioria das mortes ocorreu com pessoas adultas jovens que possuíam entre 20 e 29 anos: 96 casos, que se

**FIGURA 6:**  
**FAIXA ETÁRIA DAS PESSOAS LGBTI+ VÍTIMAS DE MORTES VIOLENTAS NO BRASIL EM 2021**

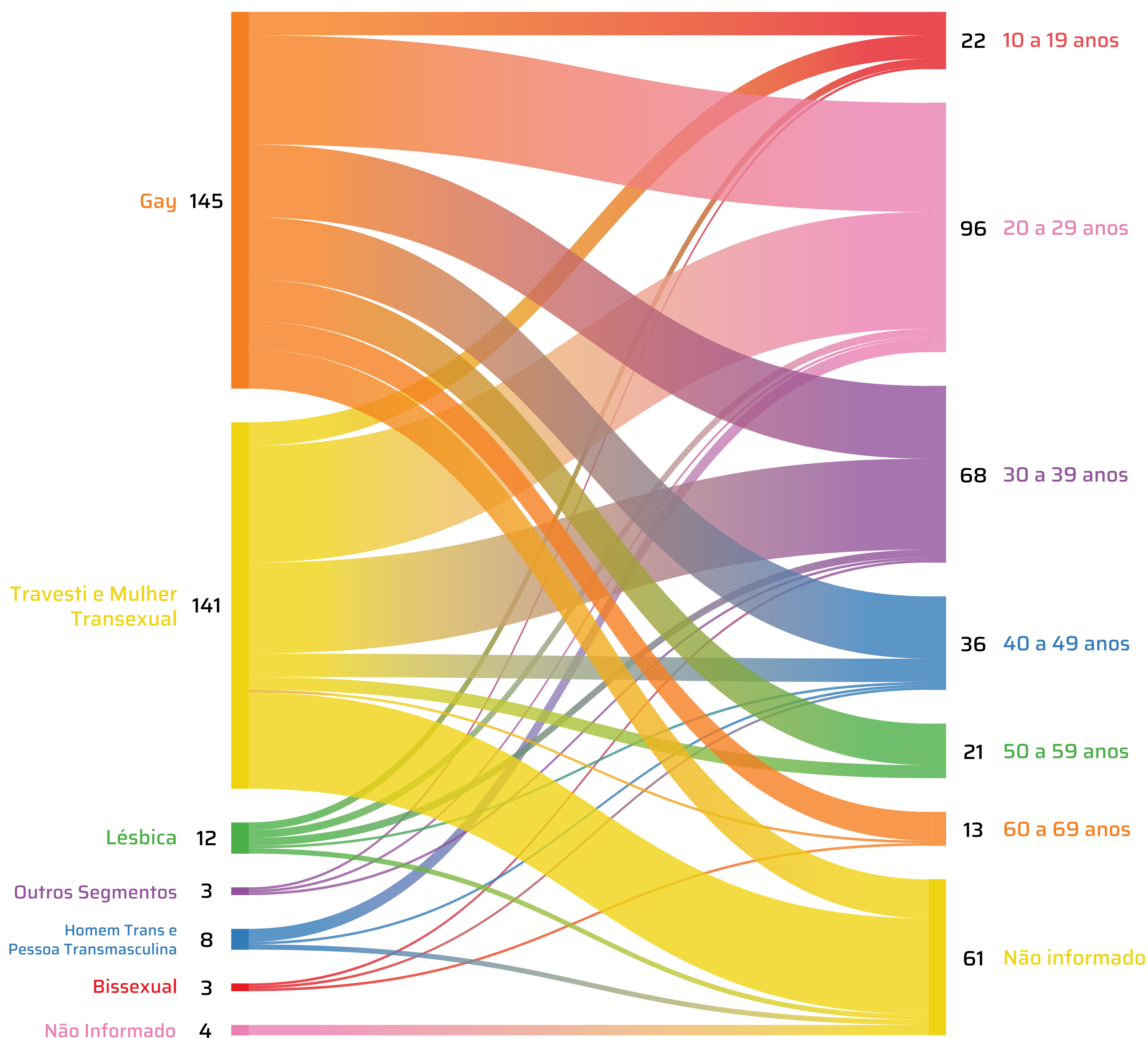


**FONTE:** Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2021.

referiam a 30,38% do total. As demais faixas etárias das vítimas corresponderam às seguintes proporções: 22 pessoas com idade entre 10 a 19 anos (6,96%), das quais 11 eram menores de idade, possuindo entre 13 e 17 anos. Chamamos atenção para a idade da pessoa mais jovem, que era uma adolescente trans de 13 anos, tendo se tornado a mais

jovem vítima de transfeminicídio no Brasil; 68 pessoas entre 30 e 39 anos (21,52%); 36 pessoas entre 40 e 49 anos (11,39%); 21 pessoas entre 50 e 59 anos (6,65%); e 13 pessoas entre 60 e 69 anos (4,11%). Destacamos que não foi possível identificar a idade de 60 casos registrados, o que corresponde a 18,99% do total (Figura 6).

**FIGURA 7:**  
**FAIXA ETÁRIA DAS PESSOAS LGBTI+ VÍTIMAS DE MORTES VIOLENTAS NO BRASIL, POR SEGMENTO, EM 2021**



FONTE: Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2021.



Se cruzarmos as informações de faixa etária das vítimas com os seis segmentos LGBTI+ estabelecidos na pesquisa, percebemos que, em todos os segmentos, a maioria dos casos se deu em adultos jovens, sobretudo entre 20 e 29 anos, acompanhando a tendência geral. Destacamos os 60 casos em que não foi possível identificar a idade das vítimas: mais da metade deles (37) corresponderam a travestis e mulheres transexuais, o que evidencia o descaso do poder público e das forças de segurança, como a polícia civil, que é responsável pela investigação e solução dos casos, na forma como esse segmento é tratado nas investigações das mortes e nas notícias publicadas na mídia (Figura 7).

### 3.2 RAÇA E ETNIA DAS VÍTIMAS

Dos 316 casos registrados, identificamos a raça/etnia de 240 vítimas, que correspondem a 75,95% do total. Percebemos uma distribuição aproximada das mortes entre pessoas brancas, com 127 casos (40,19%), e pretas/pardas, com 112 casos (35,44%). No caso de pessoas indígenas, houve apenas um caso, o qual representa 0,32% do total (Figura 8).

Na análise detalhada por segmento LGBTI+, chamamos a atenção para a diferença de composição racial/étnica dos segmentos gays e travestis e mulheres transexuais. Entre os homens gays, predominaram

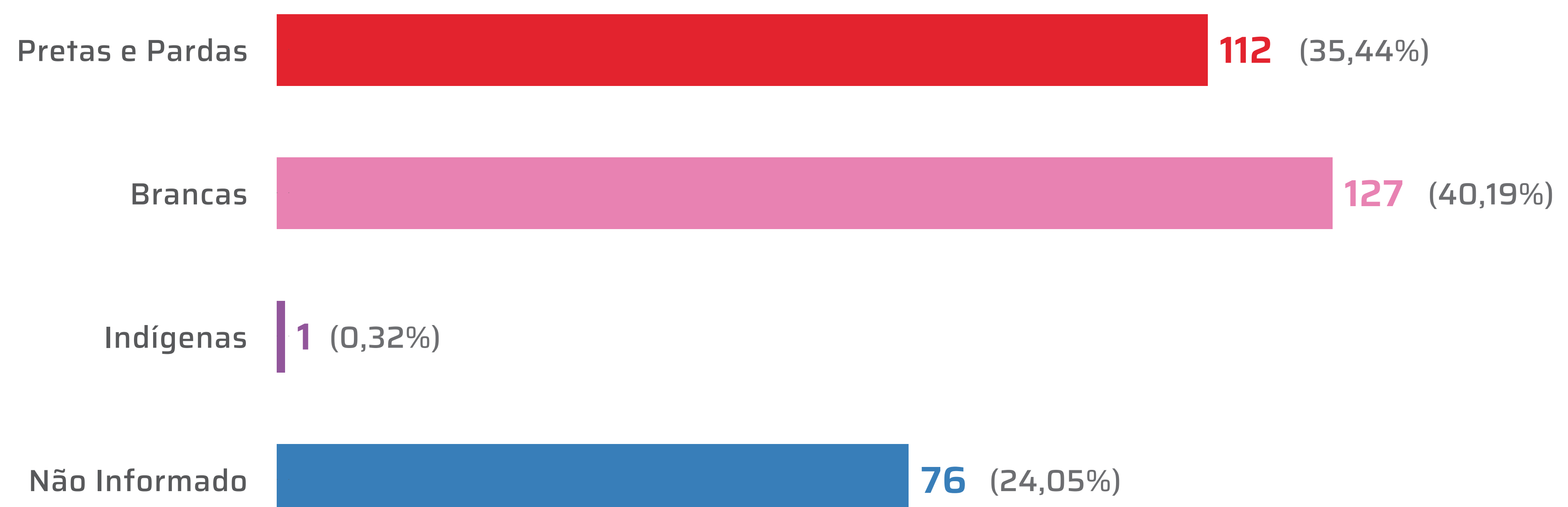
as pessoas brancas (67) em relação às pretas e pardas (56). Já entre as travestis e mulheres transexuais, houve maior número de mortes de pessoas pretas e pardas (50) que de pessoas brancas (43) (Figura 9).

Outro aspecto importante foi a significativa ausência de dados relativos à raça/etnia nas informações jornalísticas, especialmente nos segmentos gay, e ainda mais, no de travestis e mulheres transexuais. Isso reflete a vulnerabilidade a que essas populações estão sujeitas quanto à violação de direitos e evidencia a omissão de dados como parte do processo social de exclusão e de morte das pessoas com identidades e sexualidades dissidentes da norma.

Ressaltamos que, na falta de informações jornalísticas sobre raça e etnia, procuramos identificar essas características com base nos perfis sociais das vítimas, que às vezes continham uma autodefinição, ou em imagens das vítimas publicadas tanto nas redes sociais quanto nas notícias consultadas. Nesse quesito, reconhecemos a problemática da definição de raça e etnia por terceiros, o que constitui uma lacuna em nossa pesquisa, uma vez que as vítimas estão mortas e, não necessariamente, declararam esse dado de forma pública e em vida.

FIGURA 8:

### RAÇA E ETNIA DAS PESSOAS LGBTI+ VÍTIMAS DE MORTES VIOLENTAS NO BRASIL EM 2021



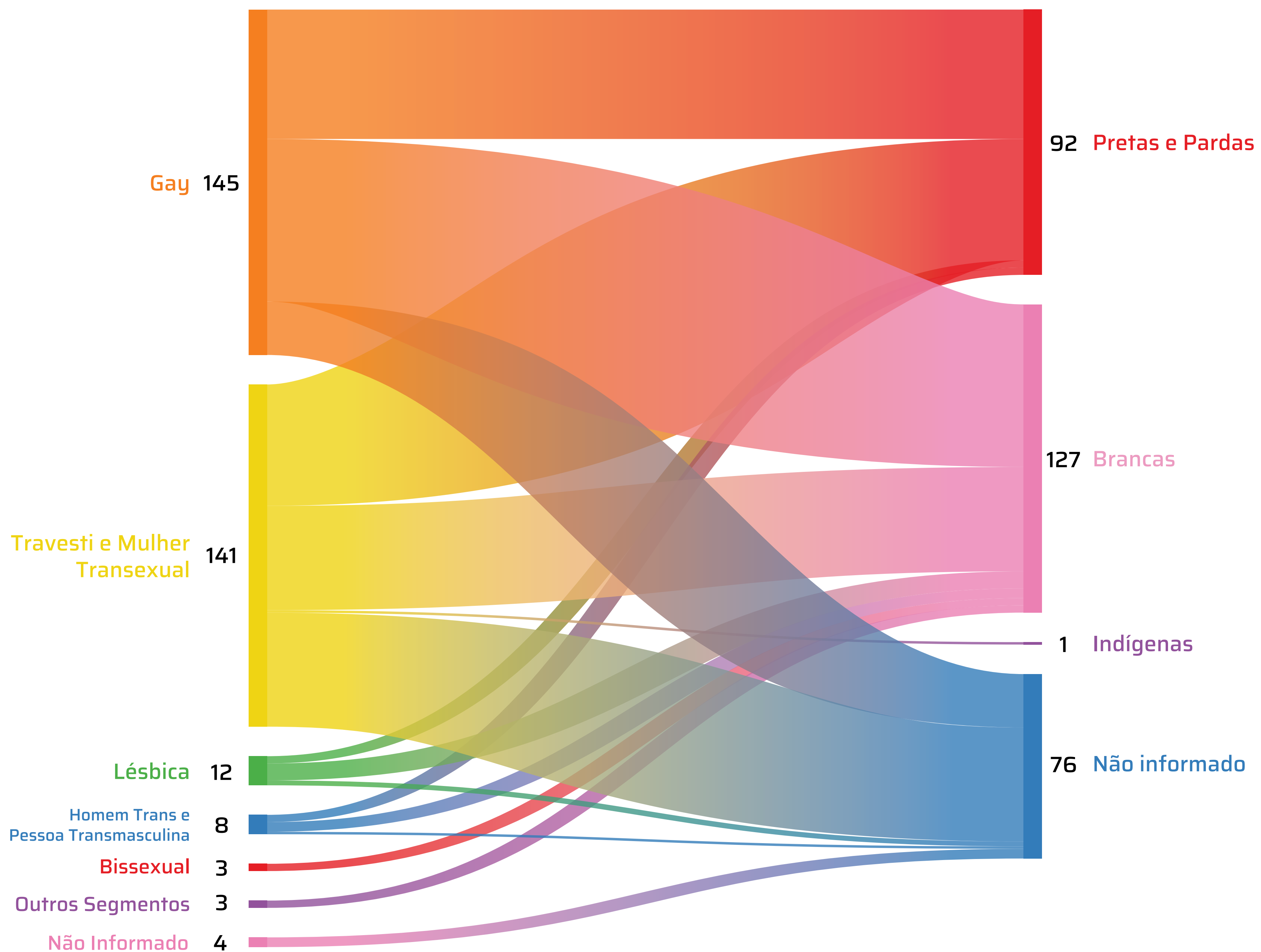
FONTE: Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2021.

Devido a essa fragilidade, e com base em outros dados sobre violências direcionadas à população negra, suspeitamos que os crimes contra pessoas LGBTI+ negras são pouco reportados e que esse dado, nesta

pesquisa, não reflete a realidade. A fim de superar essa limitação, visamos a aprimorar nossa metodologia para que os dados sejam cada vez mais fidedignos e que deem conta da realidade que estamos inseridas/os, além

FIGURA 9:

### RAÇA E ETNIA DAS PESSOAS LGBTI+ VÍTIMAS DE MORTES VIOLENTAS NO BRASIL, POR SEGMENTO, EM 2021



FONTE: Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2021.

de possibilitar um contato com amigos e familiares que possam ter conhecimento sobre essas e outras informações essenciais das vítimas.

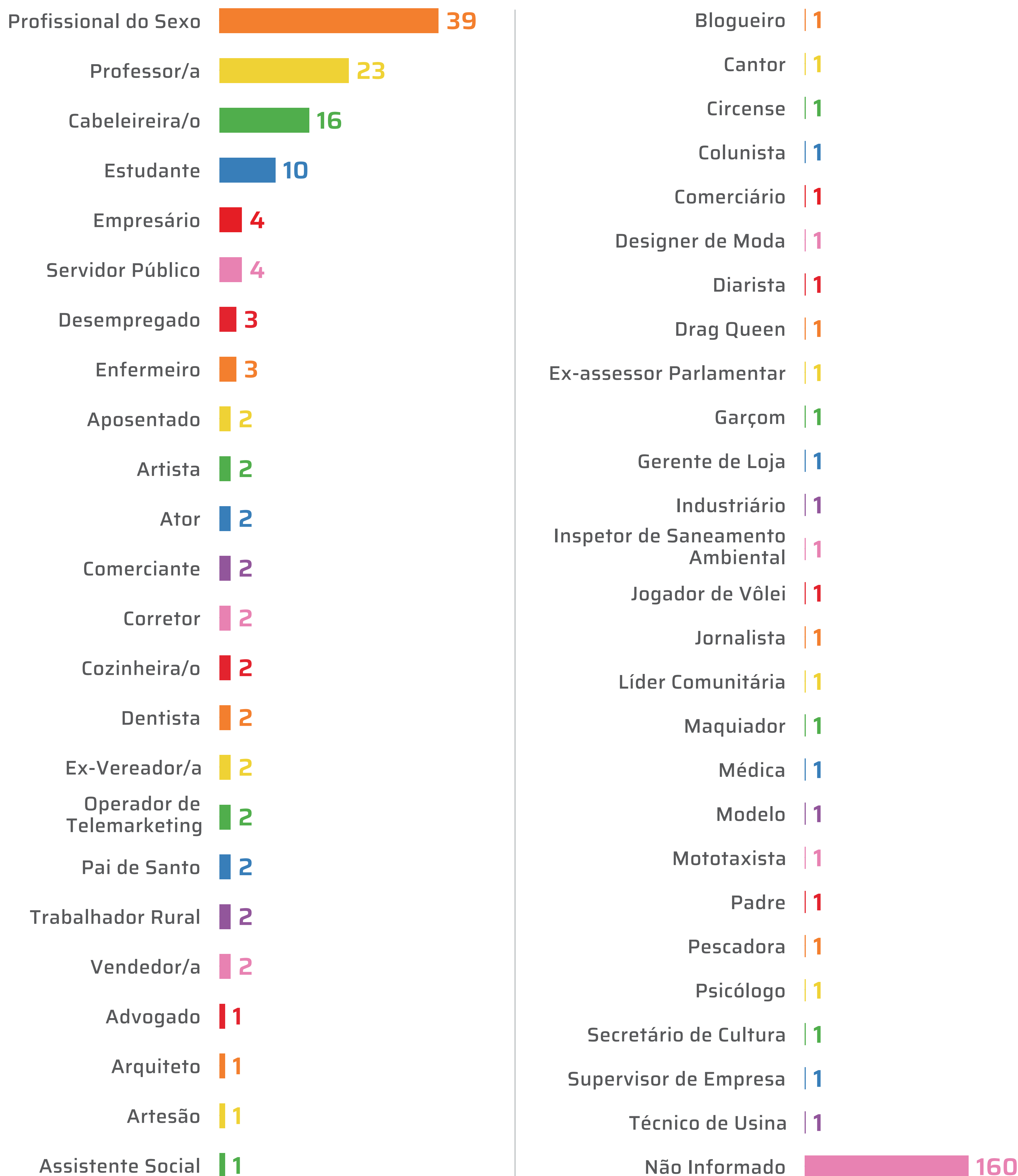
### 3.3 PROFISSÃO E OCUPAÇÃO DAS VÍTIMAS

Infelizmente não identificamos a profissão/ocupação de 160 vítimas, o que corresponde a mais de 50% do total de mortes registradas em 2021. Devido à ausência dessas informações, ressaltamos que a análise

realizada dá conta apenas de metade dos casos registrados, o que relativiza esse resultado e, ao mesmo tempo, demonstra a invisibilização dessa população, que não é reconhecida pela sua atividade de trabalho, mas pela sua orientação sexual e/ou identidade de gênero. Nessa direção, é preocupante que a atividade mais praticada pelas vítimas tenha sido a prostituição (12,03%), o que aponta tanto para o grau de exclusão e violação de direitos básicos de uma ampla parcela



FIGURA 10:  
**PROFISSÃO E OCUPAÇÃO DAS PESSOAS LGBTI+ VÍTIMAS DE MORTES VIOLENTAS NO BRASIL EM 2021**



FONTE: Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2021.

da comunidade LGBTI+ brasileira, sobretudo pessoas trans, quanto para a possibilidade de essas pessoas terem sido mortas no exercício da sua ocupação como profissionais do sexo (Figura 10).

Dos 39 casos de mortes violentas de profissionais do sexo, 37 eram travestis e mulheres transexuais. Esse dado reflete a exclusão das travestis e mulheres transexuais do cis-tema vigente, que ainda define o acesso à saúde, à educação e ao mercado de trabalho. Segundo Benevides e Nogueira (2021)<sup>23</sup>:

apenas 4% da população trans feminina se encontra em empregos formais, com possibilidade de promoção e progressão de carreira. Da mesma forma, vemos que apenas 6% estão em atividades informais e subempregos, mantendo-se aquele que é o dado mais preocupante: 90% da população de travestis e mulheres transexuais utilizam a prostituição como fonte primária de renda.

Diante desses dados, transparece que o trabalho como profissionais do sexo não se trata de uma escolha para travestis e mulheres trans.

Identificamos outras 50 profissões/ocupações atribuídas às vítimas de mortes violentas. Destacamos o óbito de 23 professoras/es (7,28%), das/os quais 21

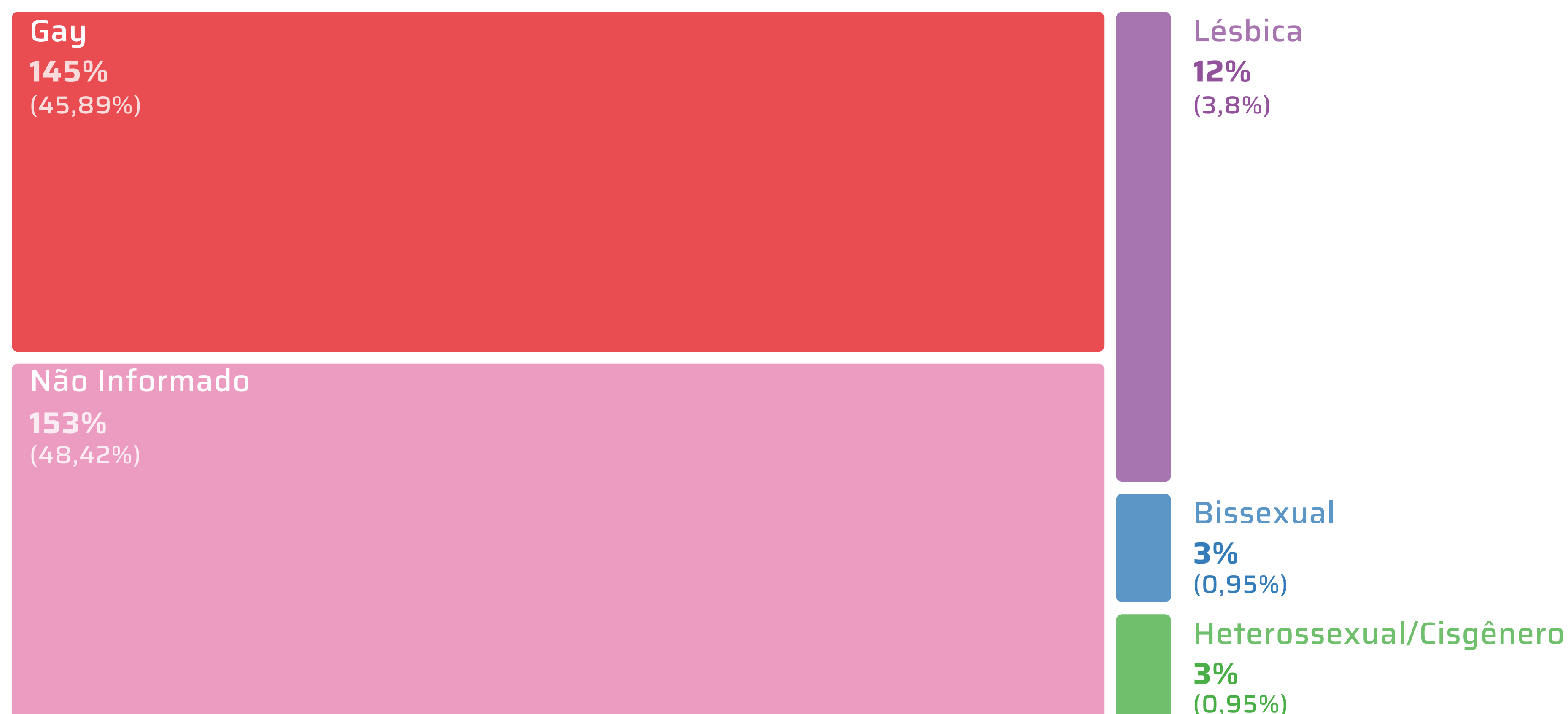
eram homens gays e duas eram travestis ou mulheres transexuais. Desse total, 11 possuíam mais de 40 anos. Ressaltamos o falecimento de 16 cabeleireiras/os (5,06%), sendo 11 homens gays e 5 travestis ou mulheres transexuais. Do total de cabeleireiras/os, nove também tinham idade superior a 40 anos. Por fim, evidenciamos a morte de 10 estudantes (3,16%) que possuíam, no máximo, 27 anos, sendo sete homens gays. Quatro entre as dez vítimas identificadas como estudantes eram menores de idade.

### 3.4 ORIENTAÇÃO SEXUAL DAS VÍTIMAS

Compreendemos como orientação sexual um conjunto de práticas, sentimentos e afetividades que direcionam a atração sexual e/ou emocional para determinados gêneros com quem a pessoa se relaciona. Durante a pesquisa, tivemos acesso a casos que envolveram a homossexualidade, a bissexualidade e, até mesmo, a heterossexualidade, identificada como “Outros Segmentos”. A orientação sexual das vítimas revelou, em muitos dos óbitos analisados, a motivação dos crimes praticados e, conseqüentemente, das mortes ocorridas. Por serem

FIGURA 11:

### ORIENTAÇÃO SEXUAL DAS PESSOAS LGBTI+ VÍTIMAS DE MORTES VIOLENTAS NO BRASIL EM 2021



FONTE: Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2021.

23. Disponível em: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>



carregadas de preconceito e discriminação, as agressões contra a população LGBTI+ têm violado, sobretudo, os corpos de gays e lésbicas, mas também têm afetado pessoas bissexuais e outros segmentos não identificados como os anteriores.

Dentre os segmentos analisados por orientação sexual, a população de gays foi a que mais sofreu com as mortes violentas, representando 45,89% do total (145 mortes). Em seguida estavam as lésbicas, com 3,80% (12 mortes), as pessoas bissexuais e outros segmentos, ambos com três mortes (0,95% cada). A grande quantidade de casos não informados (153) demonstra que há uma incompreensão por parte da imprensa em relação às diferenças entre orientação sexual e identidade de gênero. Ao mesmo tempo, pode evidenciar que, eventualmente, a orientação sexual não tenha sido revelada por pessoas próximas das vítimas por conta de preconceito (Figura

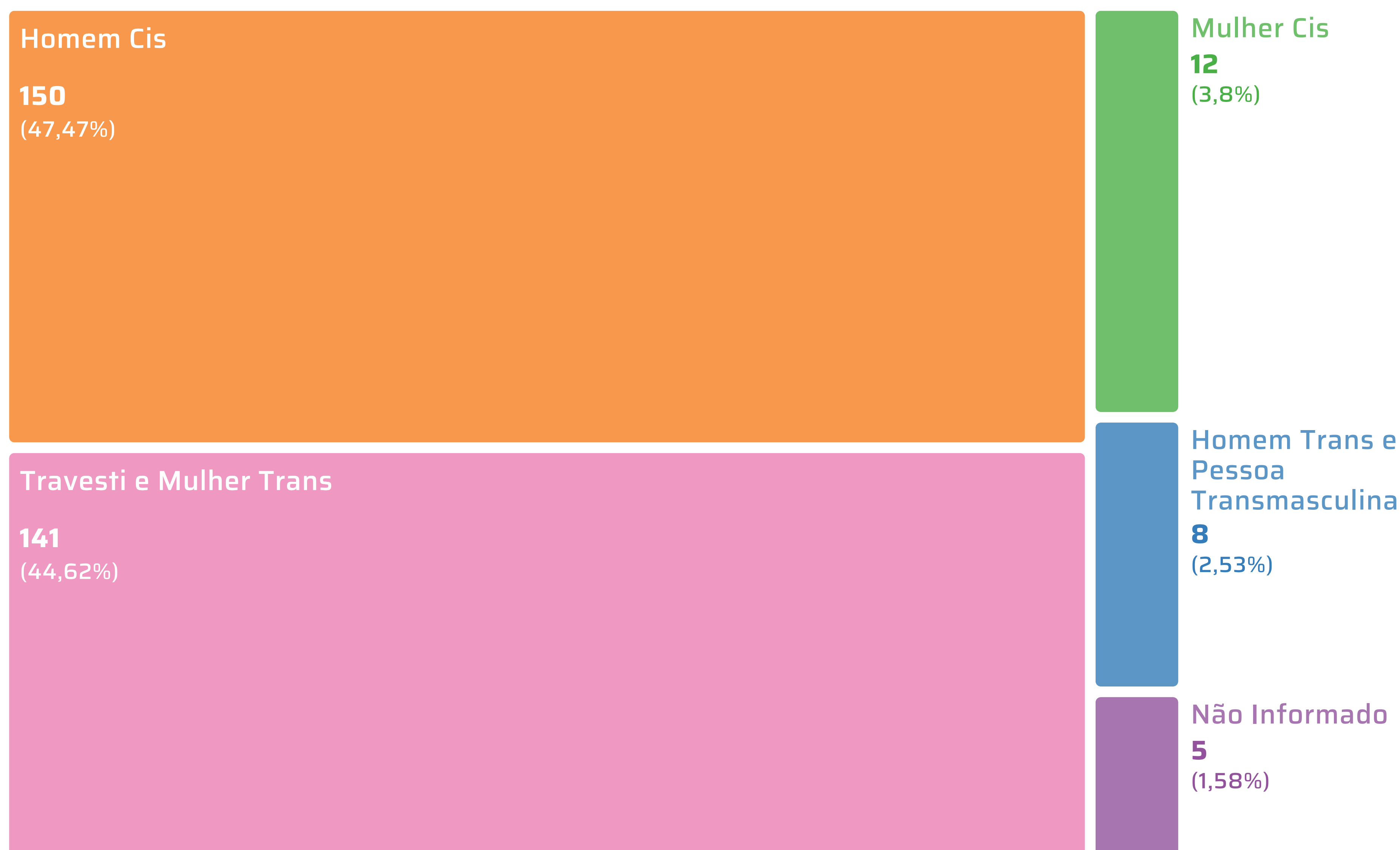
11). Assim como no caso de pessoas trans, em que a orientação sexual quase nunca é evidenciada e, por isso, há uma lacuna na identificação desse marcador.

### 3.5 IDENTIDADE DE GÊNERO DAS VÍTIMAS

A violência materializada contra os corpos de LGBTI+ é, em grande medida, uma violência de gênero, visto que as mortes de travestis, mulheres transexuais e mulheres cisgêneras totalizaram 153 casos, representando 48,42%. Desse total, é evidente que as primeiras foram as mais atingidas, com 141 mortes (44,62%), enquanto o número de mulheres cis mortas foi de 12 (3,80%). Os homens cis foram, em números absolutos, os mais vitimados pela violência, com um total de 150 pessoas (47,47%). Já os homens trans somaram um total de 8 pessoas mortas (2,53%) (Figura 12).

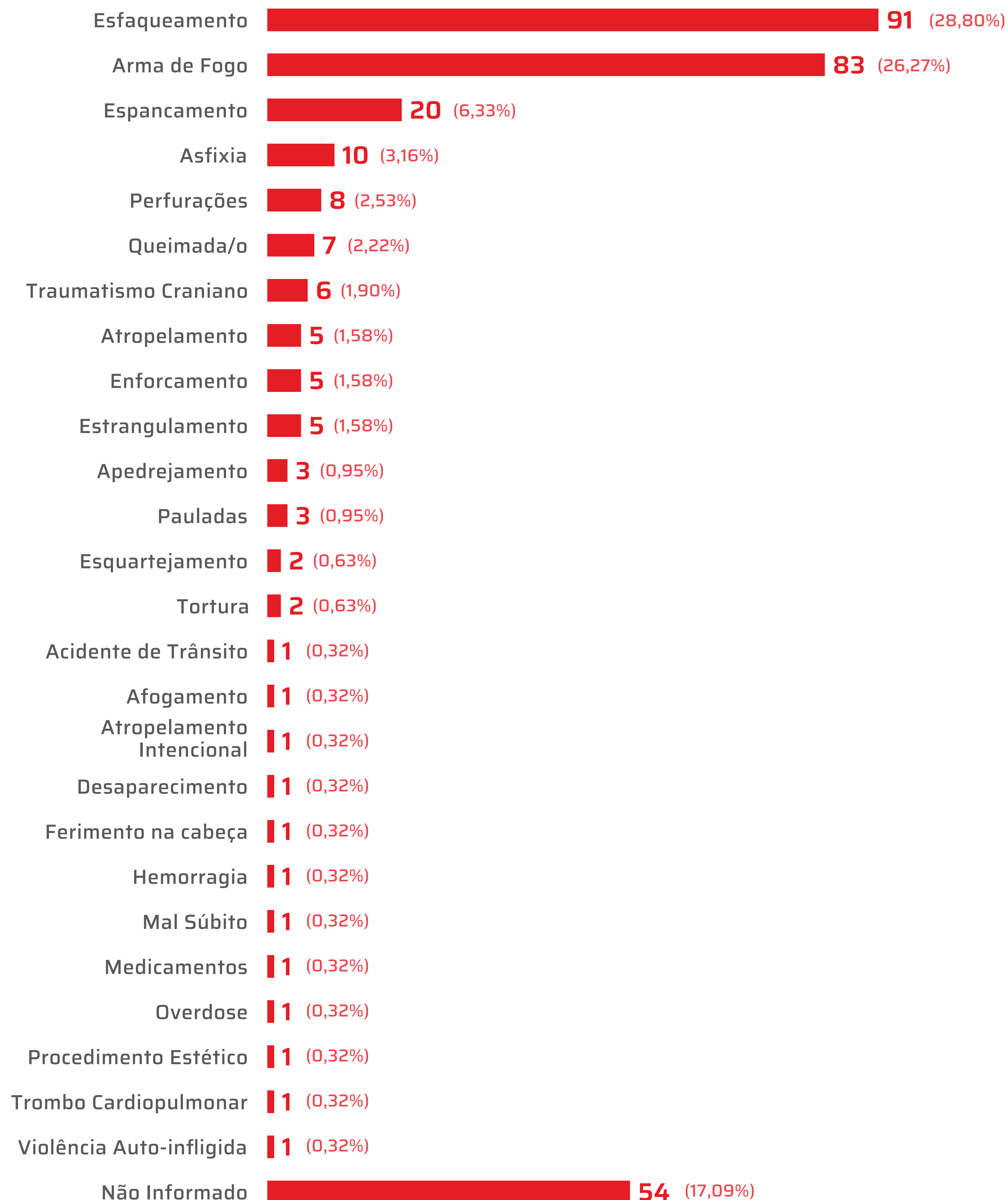
FIGURA 12:

#### IDENTIDADE DE GÊNERO DAS PESSOAS LGBTI+ VÍTIMAS DE MORTES VIOLENTAS NO BRASIL EM 2021



FONTE: Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2021.

FIGURA 13:

**CAUSA MORTIS DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL EM 2021**

FONTE: Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2021.



### 3.6 CAUSA MORTIS

A identificação da *causa mortis*, ou seja, da causa do óbito das vítimas, é um elemento imprescindível para a compreensão das mortes violentas de LGBTI+ no Brasil. Esse dado explicita a dinâmica das agressões e dos crimes praticados, geralmente marcados por ações violentas e repletas de crueldade. O dado também indica a necessidade de adoção de medidas de combate à violência contra pessoas LGBTI+, sobretudo no que diz respeito às causas de morte identificadas com maior frequência, como elucida a Figura 13.

Em 2021, detectamos 26 diferentes *causas mortis* de LGBTI+ no Brasil, o que reflete a multiplicidade de atos violentos passíveis de serem praticados contra uma população vulnerável. Em termos quantitativos, as duas *causas mortis* mais frequentes foram: esfaqueamento, com a morte de 91 pessoas (28,80%), e armas de fogo, com 83 mortes (26,27%). Em seguida, foram registrados 20 óbitos por espancamento (6,33%),

10 mortes por asfixia (3,16%), 8 assassinatos por perfurações no corpo (2,53%) e 7 por queimaduras (2,22%). Ressaltamos também que em 54 dos casos (17,09%) não obtivemos informações sobre a *causa mortis*.

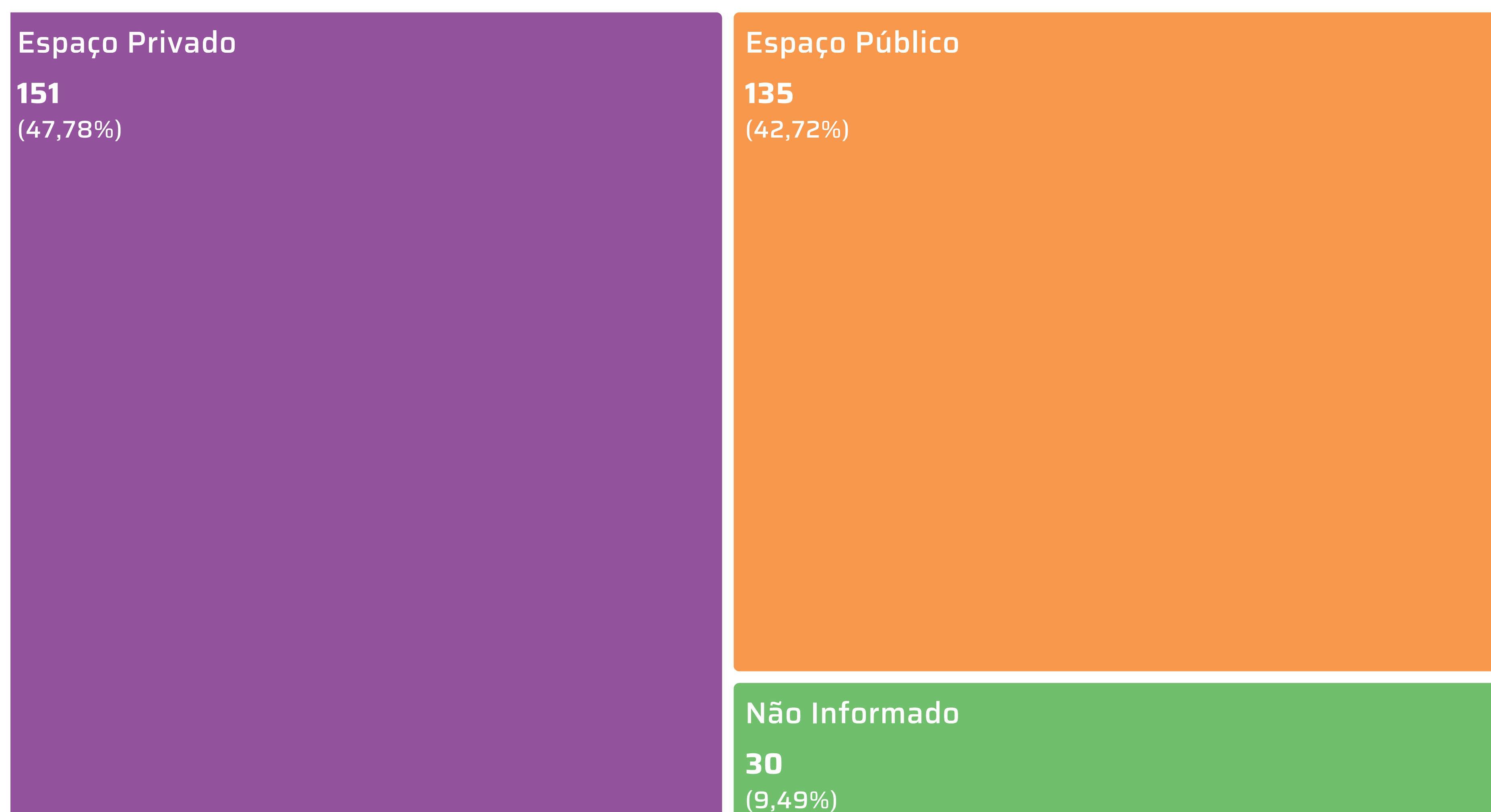
Em todas as perdas aqui constatadas, a violência se configurou como um elemento central, presente também nas *causas mortis* menos utilizadas, como enforcamentos, estrangulamentos, torturas, pauladas e apedrejamentos. É nesse sentido que se observa requintes de crueldade quando as vítimas integram a população LGBTI+, o que caracteriza os crimes aqui citados como crimes de ódio.

### 3.7 LOCAL DA MORTE

O local da morte das pessoas LGBTI+ no Brasil evidencia diversos aspectos que constituem a subjetividade das vítimas, como expressão corporal, raça/etnia, identidade de gênero e orientação sexual. Analisando e expondo o local das mortes da

FIGURA 14:

## LOCAL DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL EM 2021



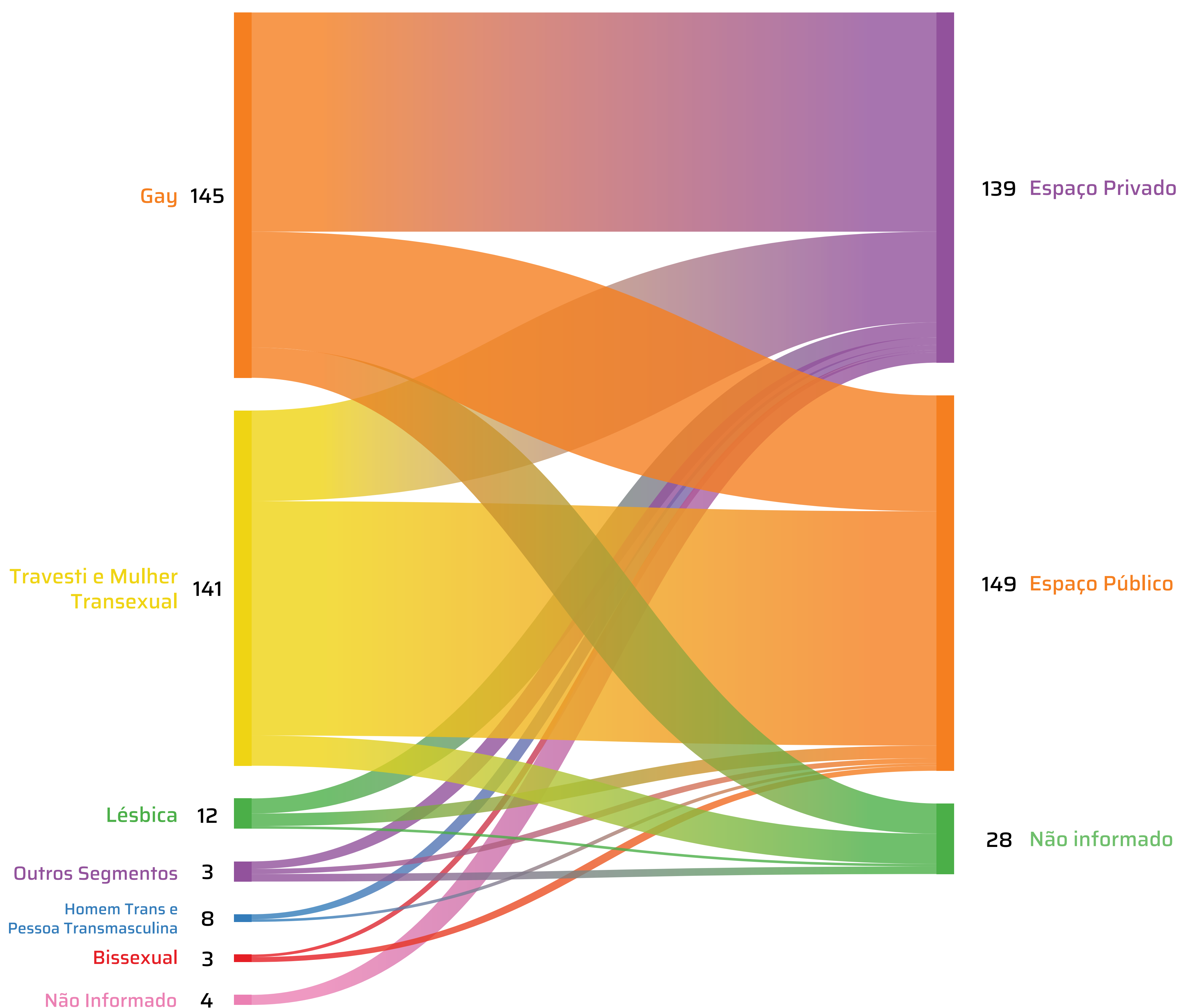
FONTE: Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2021.

população LGBTI+, problematizamos a ideia de que a casa seria um local de segurança para todas as pessoas. Dentre os 316 casos noticiados em 2021, o número de mortes em espaços públicos e privados foi bastante aproximado: 151 ocorreram em espaços privados (47,78%), como residências, presídios, hotéis, bares e locais de trabalho, e 135 se deram em espaços públicos (42,72%), como vias públicas, praças, parques, margens de rio e áreas de mata (Figura 14).

Quando observamos o local das mortes por segmento LGBTI+, percebemos algumas especificidades nos casos de homens gays e de travestis e mulheres transexuais. Enquanto 87 homens gays morreram em espaços privados, 46 foram mortos em espaços públicos. Esse dado indica que a maioria das mortes ocorreu nas residências desses homens. Já as travestis e mulheres transexuais morreram majoritariamente nos espaços públicos (93), enquanto 36 faleceram em

FIGURA 15:

### LOCAL DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR SEGMENTO, EM 2021



FONTE: Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2021.



espaços privados. Essa informação evidencia uma maior situação de vulnerabilidade desse segmento nos espaços públicos, onde geralmente é violentado durante sua atividade de trabalho associada à prostituição (Figura 15).

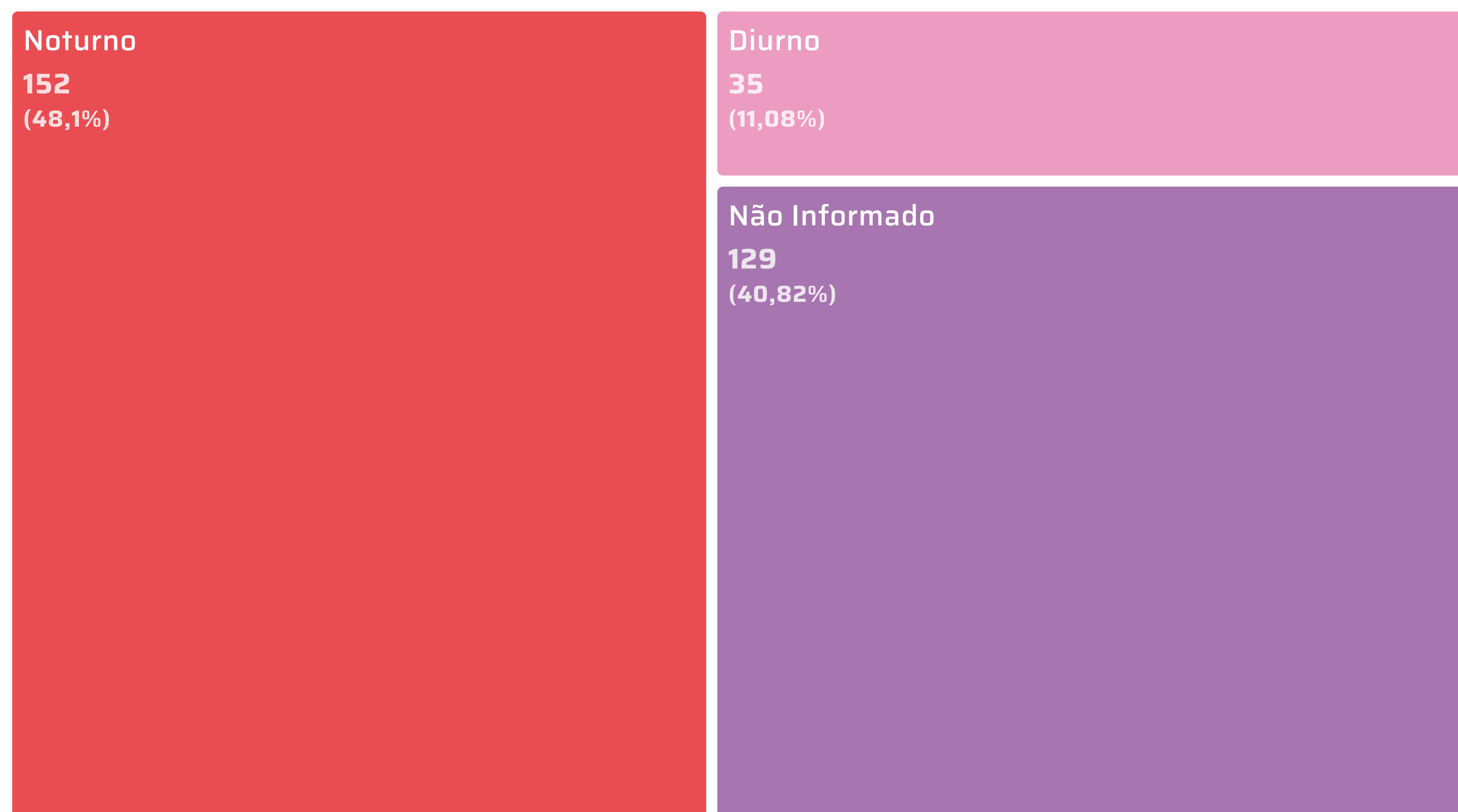
É sabido que o Brasil é um país violento e que a população, de uma forma geral, não está segura nos espaços públicos. No entanto, os dados mostram que, para a população LGBTI+, nem mesmo o espaço privado tem sido seguro: das 151 pessoas que morreram em espaços privados, 108 foram em suas próprias residências. Essa informação ressalta a insegurança vivida por essa população junto às famílias e locais de moradia, situação que se aprofundou durante a pandemia de COVID-19 devido à necessidade de isolamento social e, em muitos casos, de convivência com as agressões praticadas cotidianamente por familiares e companheiros/as de habitação.

### 3.8 PERÍODO DA MORTE

O período do dia de ocorrência das mortes indica elementos sobre as dinâmicas em torno da morte de pessoas LGBTI+ no Brasil, ao mesmo tempo que evidencia um padrão na prática de crimes contra esses grupos. Em 2021, a maior parte das mortes ocorreu no período noturno: foram 152 casos, correspondentes a quase metade do total (48,10%). Esse dado indica a relevância das práticas profissionais – como a prostituição –, culturais e de lazer da população LGBTI+ realizadas no período da noite, o que demanda maior atenção do poder público na garantia da segurança desse grupo em situação de vulnerabilidade. Não identificamos o período de ocorrência de 129 casos (40,89% do total), dado relevante que demonstra a necessidade de acesso a outras fontes de pesquisa, sobretudo governamentais, visto que a imprecisão das informações contidas em jornais, redes sociais e afins dificulta uma análise mais apurada desses casos (Figura 16).

FIGURA 16:

#### PERÍODO DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL EM 2021



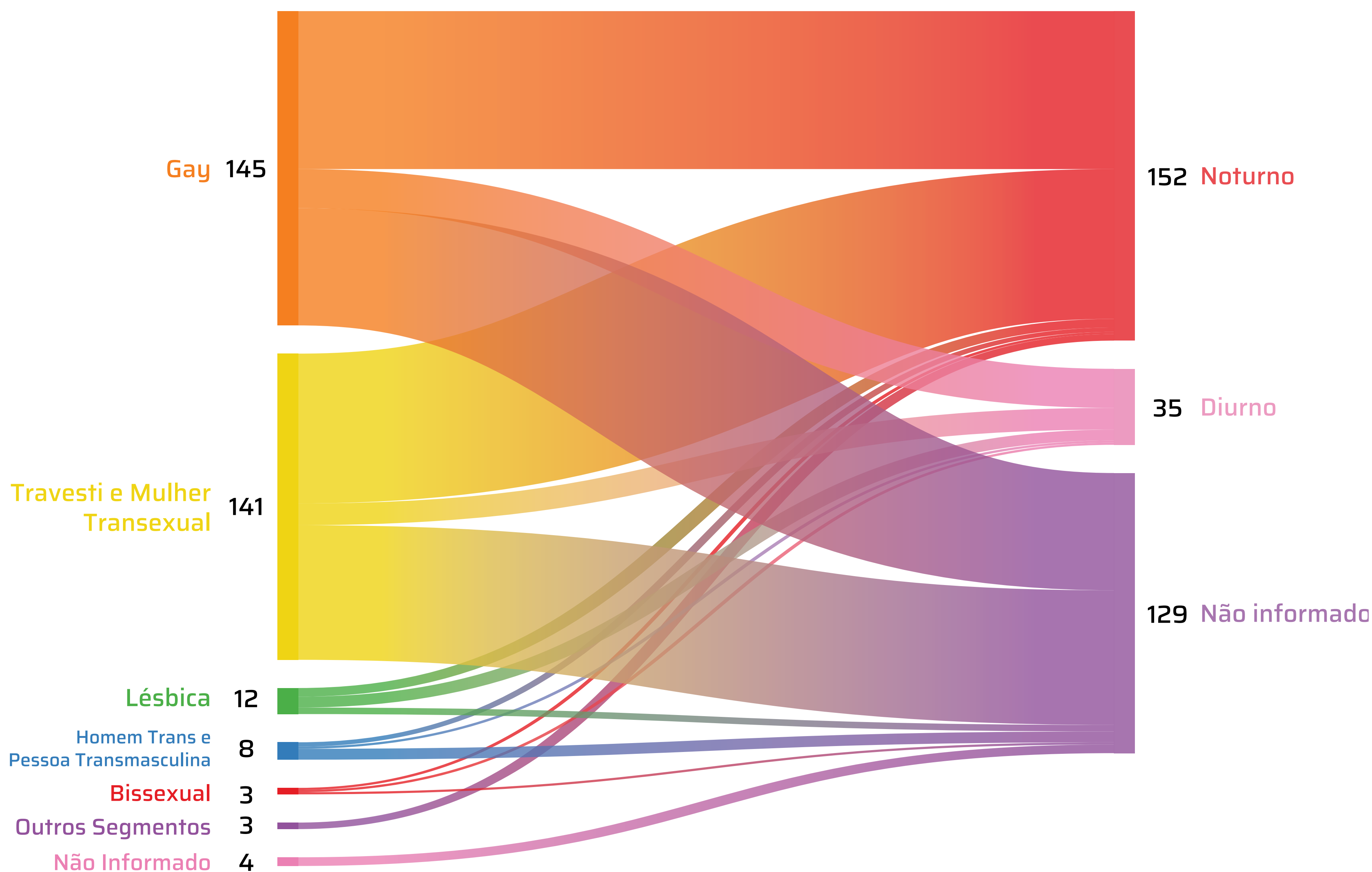
FONTE: Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2021.

Analisando o período das mortes por segmento LGBTI+, apesar da ausência de informação de muitos casos, percebemos que houve uma predominância de mortes tanto de homens gays quanto de travestis e

mulheres transexuais durante a noite. O único caso em que houve maior ocorrência de mortes durante o dia foi de mulheres lésbicas: cinco no período diurno e quatro no período noturno (Figura 17).

FIGURA 17:

### PERÍODO DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR SEGMENTO, EM 2021



FONTE: Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2021.

### 3.9 VÍTIMAS DE SUICÍDIO

Os dados sobre suicídios de LGBTI+ revelaram uma lacuna a respeito do tema nos noticiários jornalísticos. De todo modo, conseguimos identificar alguns casos através de informações veiculadas nas redes sociais de pessoas amigas das vítimas ou de parentes próximos que, com raras exceções, revelaram a orientação sexual e a identidade de gênero da população LGBTI+ que cometeu suicídio. As informações aqui apresentadas servem como um alerta para demonstrar a existência desse problema de saúde pública, ao mesmo

tempo que visam à ampliação do debate sobre as vulnerabilidades das pessoas desse segmento no que diz respeito aos seus sofrimentos e à saúde mental.

Neste Dossiê, as 26 mortes por suicídio foram consideradas dentre as 316 vítimas fatais da LGBTIfobia. Essa escolha foi embasada em dados apresentados pelo Conselho de Psicologia de Alagoas<sup>24</sup>, segundo os quais a população LGBTI+ apresenta maiores índices de ideação suicida e de suicídios do que pessoas cisgêneras heterossexuais. É fundamental destacar que a

24. Disponível em: <https://www.crp15.org.br/artigos/pesquisa-revela-o-risco-de-suicidio-na-comunidade-lgbt/>



maior incidência de suicídio na população LGBTI+ não se dá em função de problemas individuais de saúde mental, mas decorre do sofrimento resultante da LGBTIfobia estrutural. Segundo *The Trevor Project*<sup>25</sup>, maior organização mundial de prevenção ao suicídio em LGBTI+, a existência de um adulto próximo que aceite e acolha a pessoa com sexualidade e/ou identidade de gênero dissidente do padrão heterocisnormativo reduz em 40% a chance de tentativa o suicídio. É por meio desse viés que entendemos como os discursos de ódio também matam pessoas LGBTI+.

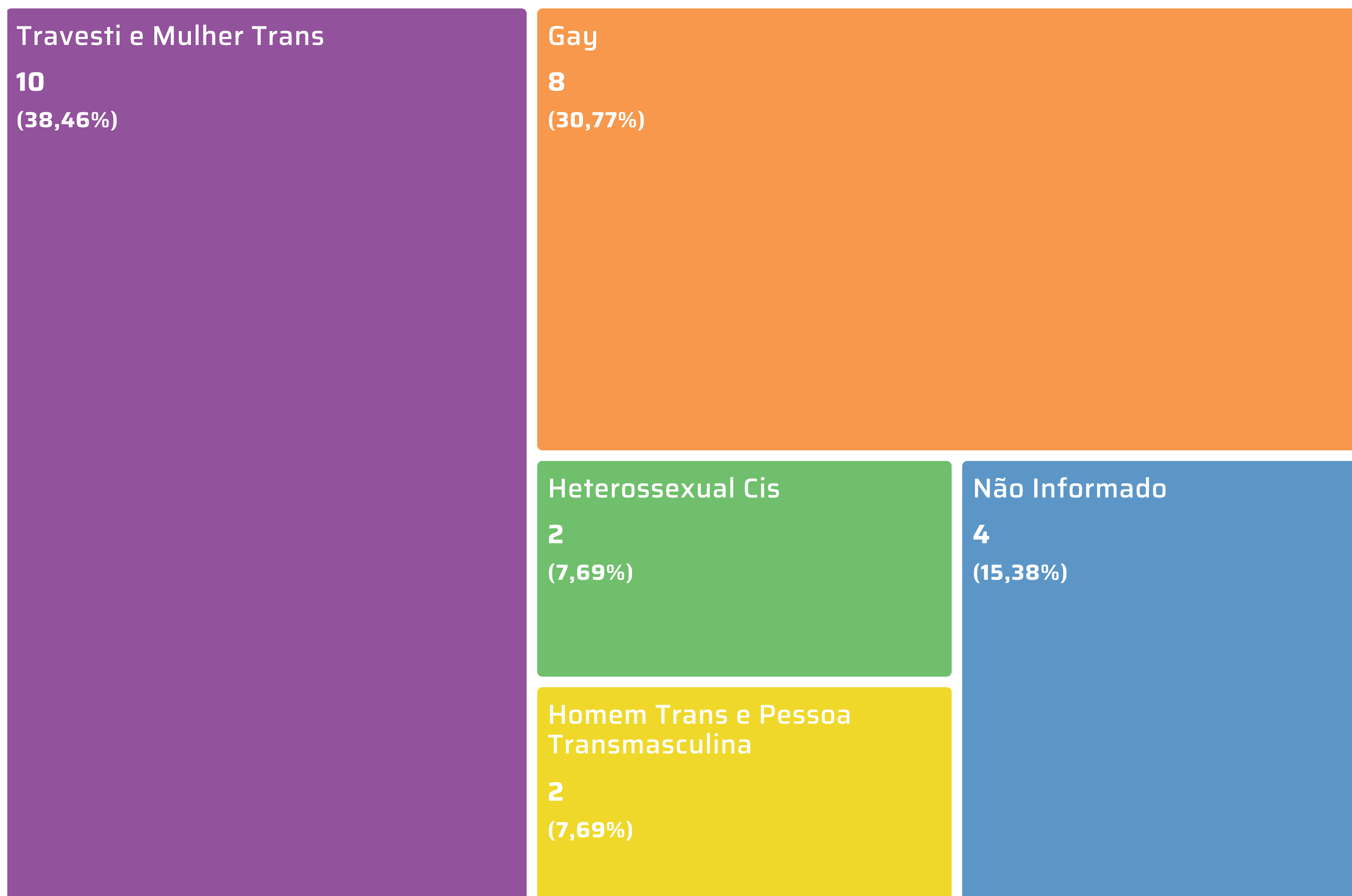
Quanto aos dados coletados, o maior número de casos ocorreu entre travestis e mulheres trans, com 38,46% dos casos, e homens gays, responsáveis por

30,77% do total. Em seguida estavam os homens trans e as pessoas de outros segmentos, com dois casos cada. Chama a atenção a ocorrência de suicídios de pessoas identificadas como heterossexuais cisgêneros, as quais tiraram suas próprias vidas em função do preconceito e da violência sofridos por terem sido comparados e ou identificados como gays, mesmo não se identificando como LGBTI+ (Figura 18).

Pensamentos e sentimentos de querer tirar a própria vida podem ser insuportáveis e pode ser muito difícil saber o que fazer, mas existe ajuda disponível. Não hesite em pedir ajuda, você pode precisar de alguém que te acompanhe e te auxilie a entrar em contato com os serviços de suporte.

FIGURA 18:

### NÚMERO DE SUICÍDIOS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR SEGMENTO, EM 2021



FONTE: Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2021.

25. Disponível em: <https://www.thetrevorproject.org/>

Se você está em sofrimento, tendo ideias suicidas e necessita de apoio, procure ajuda em:

### **Emergência - 24h**

Centro de Valorização de Vida - 188 (Ligação gratuita para todo o Brasil)

SAMU - 192

### **Serviços de Saúde**

Centros de Atenção Psicossocial (CAPS)

Unidades Básicas de Saúde (UBS) e

Unidades de Pronto Atendimento (UPAs)

Habilidades de enfrentamento, apoio e tratamento funciona para a maioria das pessoas que tem pensamentos sobre suicídio.

### **3.10 ASSASSINATOS DE DEFENSORES/AS DE DIREITOS HUMANOS**

O ano de 2021 registrou um aumento de 22% nos casos de assassinatos de defensores de Direitos Humanos de LGBTI+ no Brasil. Nove assassinatos foram registrados, dois a mais que em 2020. Desse grupo, oito eram pessoas negras, seis gays e quatro trans. Três ativistas atuavam em capitais, enquanto seis trabalhavam no interior de seus estados. Duas pessoas militavam na luta pela terra, o que chama a atenção devido à crescente atuação de pessoas LGBTI+ em defesa da reforma agrária e que têm se organizado politicamente no último período, sobretudo a partir de 2015.

Os assassinatos no campo têm sido registrados por organizações como o Coletivo LGBT Sem Terra, segundo o qual, entre 2019 e o início de 2022, cinco militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) assumidamente LGBTI+ morreram vítimas da LGBTIfobia. A primeira foi a militante transexual Aline da Silva, assassinada brutalmente no dia 19 de agosto de 2019, no município de Arcoverde, Pernambuco, que teve seu pescoço degolado

num ponto de ônibus. Em 2021, ocorreram outras três mortes: de Fernando dos Santos Araújo, gay sem-terra que foi executado a tiros em 26 de janeiro de 2021, no município de Pau D'Arco, no Pará; de Lindolfo Kosmaski, que teve seu corpo carbonizado no dia primeiro de maio de 2021, no município de São João do Triunfo, no Paraná; e de Pedro Felipe de Oliveira, do Acampamento Marielle Vive, município de Valinhos, São Paulo, que cometeu suicídio. O quinto assassinato, de Nanny Araújo dos Santos, que estava em processo de afirmação de sua identidade trans e vivia no acampamento Ondina Dias em Nova Venécia, Espírito Santo, foi registrado em janeiro de 2022. Ela teve seu corpo encontrado boiando no Rio Cricaré com sinais de violência.

Nesse sentido, precisamos chamar a atenção do Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos, Comunicadores e Ambientalistas (PPDDH), a fim de fortalecer a compreensão de que os ataques e ameaças a pessoas LGBTI+ requerem especial atenção do Estado.





# **4. DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS MORTES**

As mortes violentas de pessoas LGBTI+ ocorreram dispersas por todo o território brasileiro em 2021. Foram registrados óbitos nas cinco macrorregiões do país, em 26 das 27 unidades da federação e em 197 dos 5.570 municípios existentes no Brasil. Nossa preocupação com a representação cartográfica da distribuição espacial das mortes de LGBTI+ se origina da necessidade de reconhecimento das porções do território brasileiro mais hostis à essa população e que, conseqüentemente, demandam maior atenção por parte do Estado na direção de superar esse contexto marcado pela violência.

Entendemos os mapas como um importante instrumento de compreensão da realidade, capaz de subsidiar a ação das instâncias competentes na luta contra a LGBTIfobia estrutural. Portanto, os mapas foram elaborados em três escalas de análise: municipal, estadual/distrital e macrorregional. A adoção de três escalas contribuiu para a interpretação do fenômeno das mortes de LGBTI+ na dimensão local, como nos municípios, cidades e regiões metropolitanas, e na dimensão extra-local, que envolve a escala das unidades da federação (estados e Distrito Federal) e das cinco macrorregiões brasileiras estabelecidas pelo IBGE.

Conforme já apontamos na metodologia deste Dossiê, os dados representados nos mapas foram trabalhados de duas formas. Os dados absolutos foram expressos por círculos que indicam a quantidade de mortes ocorrida em cada unidade espacial: município, unidade da federação ou macrorregião. E os dados relativos foram retratados por diferentes colorações que evidenciam a quantidade de mortes a cada milhão de habitantes, a fim de estabelecer uma relação de proporcionalidade entre o número de mortes violentas e a população de cada unidade espacial: unidade da federação ou macrorregião.

Em 2021, 316 pessoas LGBTI+ morreram de forma violenta no Brasil. Como o país contava com uma população de 213.317.639 habitantes, segundo estimativa do IBGE, a média nacional foi de **1,48 mortes** a cada milhão de pessoas.

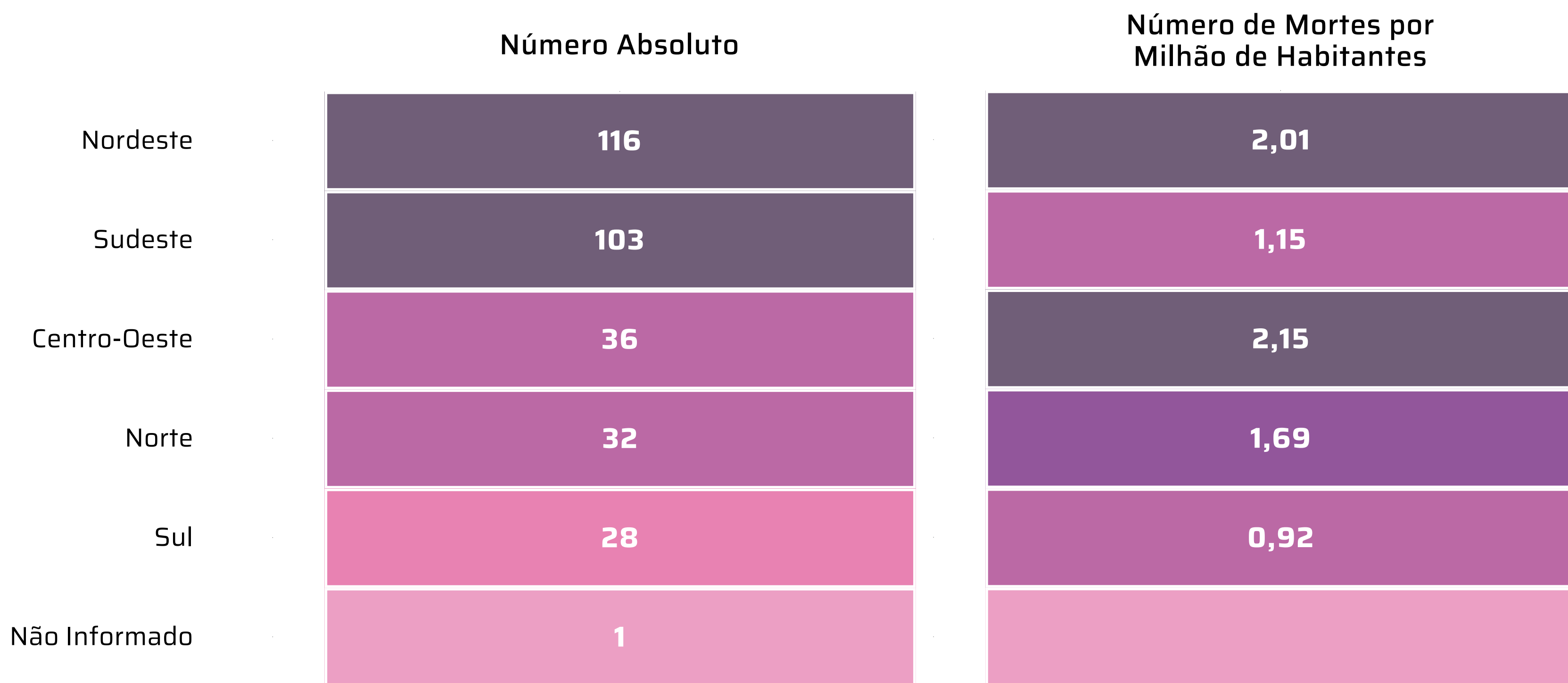
Partindo-se para uma análise na escala macrorregional, observamos variações entre as cinco regiões brasileiras. As regiões Nordeste e Sudeste apresentaram mais de 100 mortes violentas cada, 116 e 103 respectivamente. As demais regiões ficaram em torno de 30 mortes cada uma: 36 no Centro-Oeste, 32 no Norte e 28 no Sul. Não foi possível registrar o município/UF/macrorregião de apenas uma morte ocorrida em 2021 (Figura 19).

Quando observamos a distribuição regional das mortes por segmento LGBTI+, registramos a ocorrência de óbitos de gays, travestis e mulheres trans e lésbicas em todas as regiões do país (Figura 20). Chamamos a atenção para o fato de que morreram mais homens gays que travestis e mulheres transexuais no Nordeste (60 contra 46) e no Centro-Oeste (20 contra 14), enquanto o contrário se deu nas regiões Sudeste (52 contra 42) e Sul (13 contra 9), quando foram as travestis e mulheres transexuais as maiores vítimas.

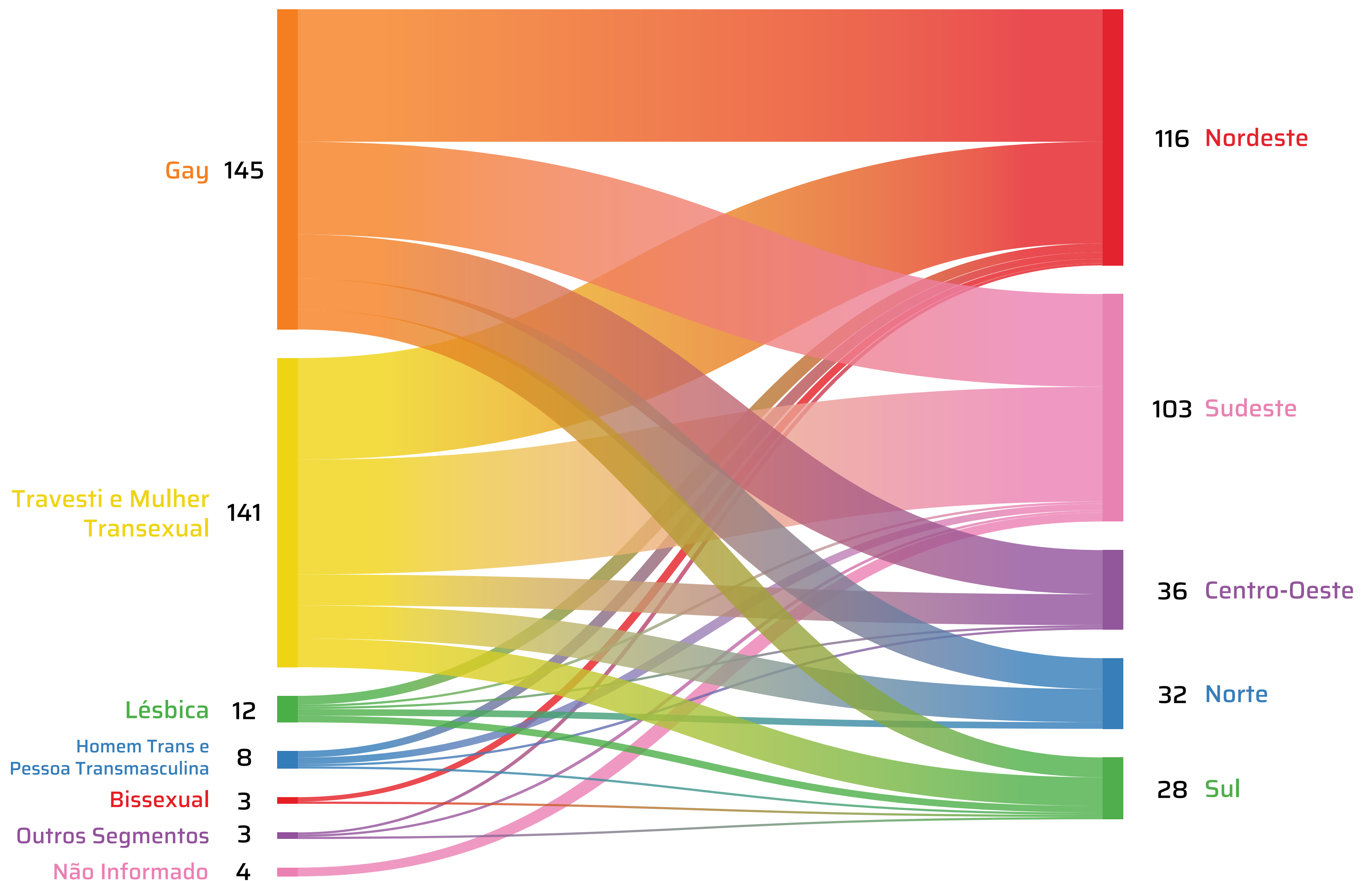
O Centro-Oeste do país, apesar do número relativamente pequeno de mortes (36), foi a macrorregião mais violenta comparativamente à sua população: 2,15 mortes a cada milhão de habitantes. Também acima da média nacional estavam as macrorregiões Nordeste, com 2,01 óbitos a cada milhão de habitantes, e Norte, com 1,69 falecimento por milhão de habitantes. As macrorregiões Sudeste e Sul foram as menos violentas em termos proporcionais, apesar do número elevado de mortes na primeira: 1,15 morte a cada milhão de habitantes no Sudeste e 0,92 morte por milhão de habitantes na região Sul (Figura 21).



**FIGURA 19:**  
**NÚMERO DE MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR REGIÃO, EM 2021**

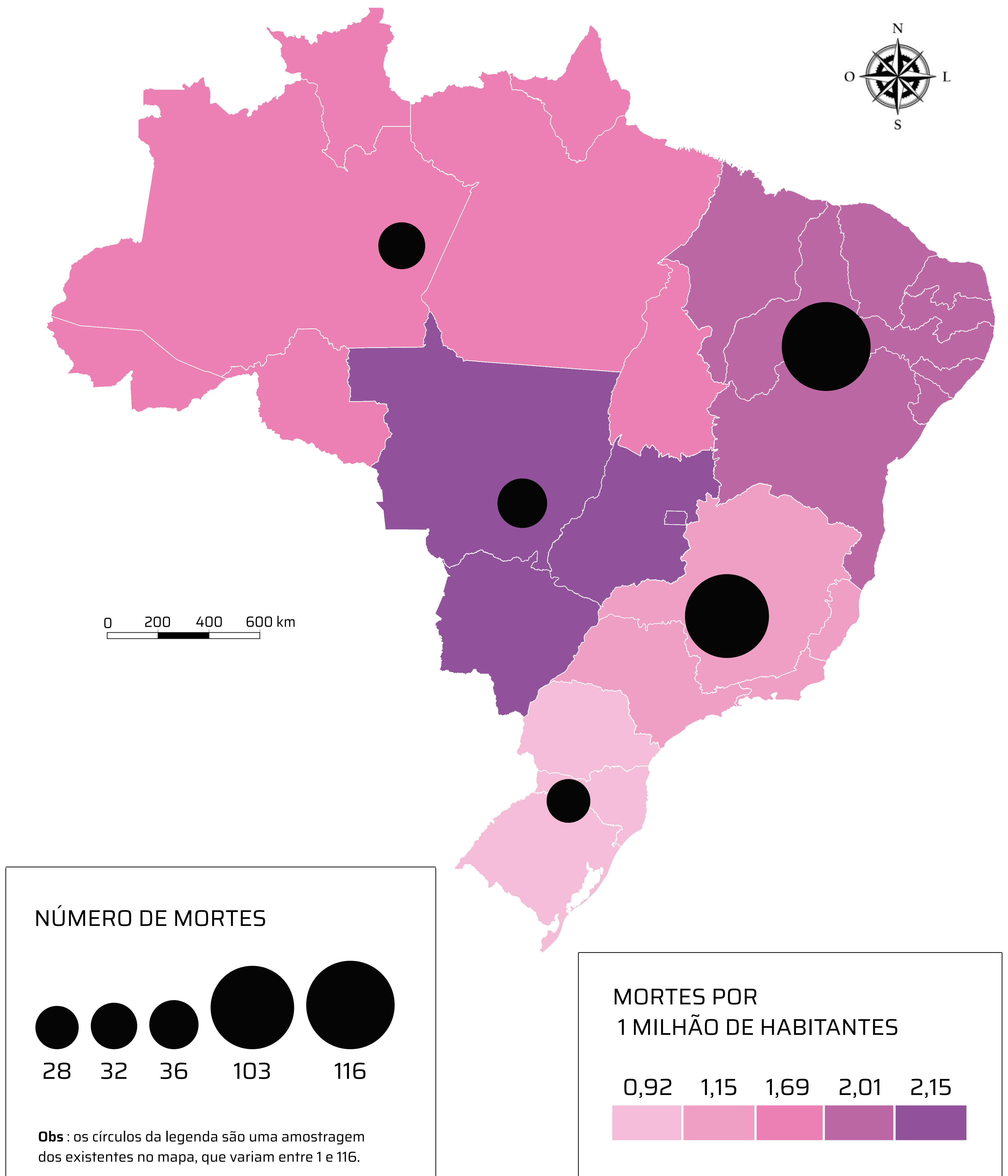


**FIGURA 20:**  
**NÚMERO DE MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR REGIÃO E SEGMENTO, EM 2021**



FONTE: Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2021.

**FIGURA 21:**  
**DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR REGIÃO, EM 2021**



**FONTE:** Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2021; IBGE, 2010; IBGE, 2021; PHILCARTO.



Podemos fazer algumas relações entre a quantidade de mortes de LGBTI+ em cada macrorregião brasileira e as condições sociais, econômicas e culturais dessas unidades espaciais. As regiões Sudeste e Sul, consideradas menos violentas em 2021, foram historicamente privilegiadas em termos de acumulação de capital e de investimentos produtivos, o que as caracterizam como espaços de elevada concentração industrial, maior desenvolvimento tecnológico e significativo grau de escolarização e de acesso à informação de sua população, fatores que podem contribuir para realidades menos preconceituosas, violentas e hostis à população LGBTI+.

Já as demais macrorregiões apresentam características diversas. A Nordeste e a Norte, por exemplo, são historicamente marcadas por indicadores socioeconômicos, como renda, escolaridade, acesso a serviços públicos e expectativa de vida, inferiores ao restante do país, abrangendo uma população significativa em situação de vulnerabilidade. A região Centro-Oeste, por sua vez, consiste na principal fronteira agrícola do país, a qual vem avançando em direção à Amazônia, sobretudo para a produção de soja e de carne bovina. Áreas ligadas ao agronegócio são frequentemente identificadas como locais violentos, especialmente em função dos conflitos pela terra estabelecidos entre os exploradores e as populações tradicionalmente ocupantes desses locais. Chamamos a atenção para o fato de a região Centro-Oeste ter sido, justamente, a mais violenta em termos comparativos à sua população em 2021.

Dentre as Unidades da Federação, as que apresentaram maior número de mortes foram São Paulo (42), Bahia (30), Minas Gerais (27) e Rio de Janeiro (26), justamente os quatro estados mais populosos do Brasil. Na outra ponta, com menor quantidade de mortes, estavam o Piauí e Rondônia, com três mortes cada, Amapá, com dois óbitos, e Acre e Tocantins, com um falecimento cada. Roraima foi a única unidade da federação que não apresentou registro de mortes violentas de LGBTI+ em 2021 (Figura 22).

Relacionando-se os casos de mortes às populações de cada unidade da federação, os locais mais violentos, ou seja, com os índices mais elevados de mortes a cada milhão de habitantes, foram Alagoas (4,75 mortes por milhão), Mato Grosso (3,36 mortes por milhão) e Mato Grosso do Sul (3,17 mortes por milhão). Além desses três estados, outras 14 unidades da federação apresentaram número de mortes por milhão de habitantes acima da média nacional, que foi de 1,48 em 2021. Como estados menos violentos em termos relativos, além de Roraima, que não registrou mortes no período, estavam o Rio Grande do Sul (0,44 morte por milhão), Tocantins (0,62 morte por milhão), Santa Catarina (0,68 morte por milhão) e São Paulo (0,90 morte por milhão) (Figura 23).

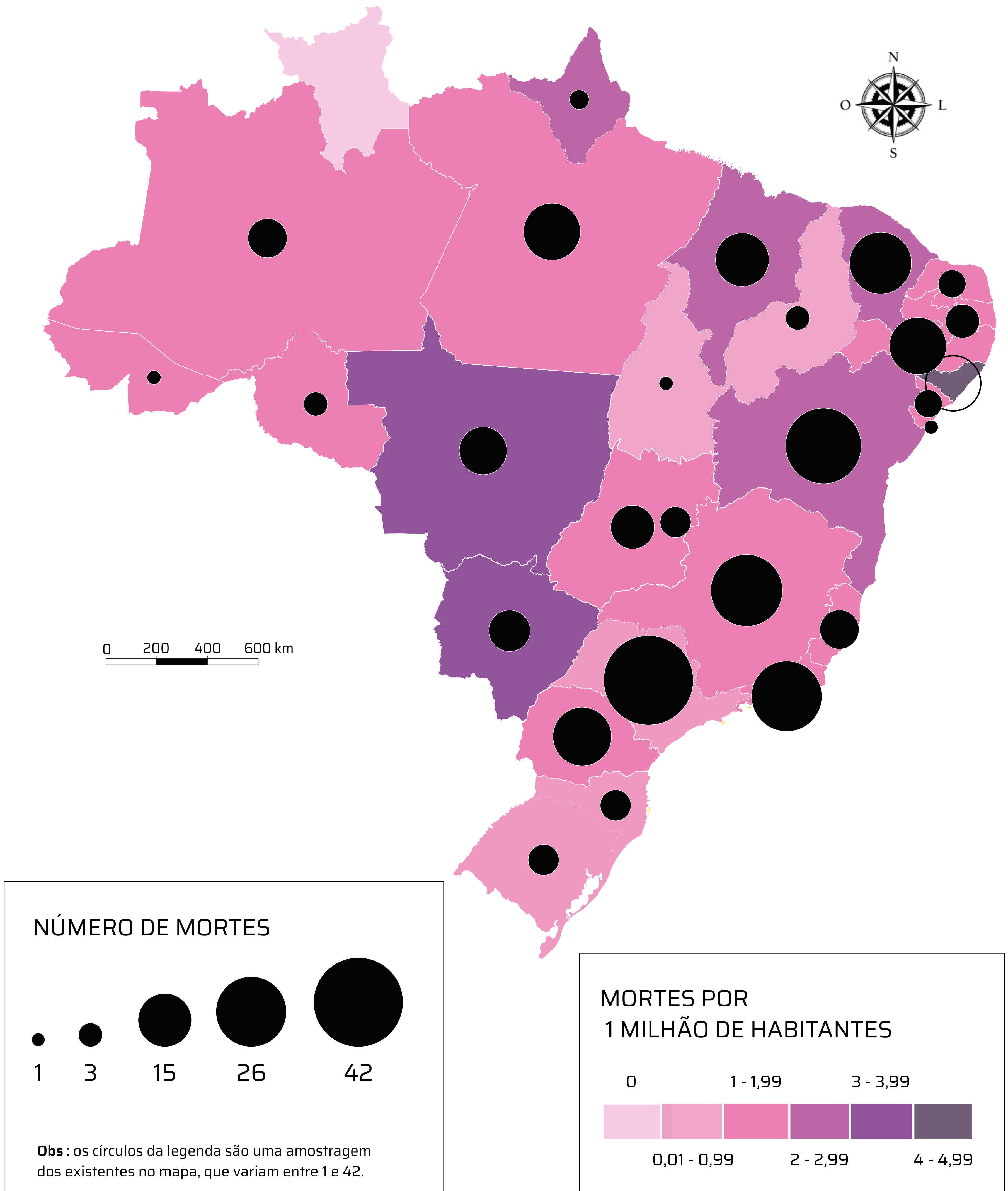
**FIGURA 22:**  
**NÚMERO DE MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ E IDH NO BRASIL, POR UNIDADE DA FEDERAÇÃO, EM 2021**

	Número Absoluto	Número de Mortes por Milhão de Habitantes	IDH
São Paulo - SP	42	0,90	0,826
Bahia - BA	30	2,00	0,714
Minas Gerais - MG	27	1,26	0,787
Rio de Janeiro - RJ	26	1,49	0,796
Ceará - CE	20	2,16	0,735
Pernambuco - PE	18	1,86	0,727
Paraná - PR	18	1,55	0,792
Pará - PA	17	1,94	0,698
Alagoas - AL	16	4,75	0,683
Maranhão - MA	15	2,10	0,687
Mato Grosso - MT	12	3,36	0,774
Goiás - GO	10	1,39	0,769
Mato Grosso do Sul - MS	9	3,17	0,766
Espírito Santo - ES	8	1,95	0,772
Amazonas - AM	8	1,87	0,733
Paraíba - PB	6	1,48	0,722
Distrito Federal - DF	5	1,62	0,850
Santa Catarina - SC	5	0,68	0,808
Rio Grande do Sul - RS	5	0,44	0,787
Sergipe - SE	4	1,71	0,702
Rio Grande do Norte - RN	4	1,12	0,731
Rondônia - RO	3	1,65	0,725
Piauí - PI	3	0,91	0,697
Amapá - AP	2	2,28	0,740
Acre - AC	1	1,10	0,719
Tocantins - TO	1	0,62	0,743
Roraima - RR	0	0,00	0,752

**FONTE:** Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2021; Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Pnud Brasil, Ipea e FJP, 2020.



**FIGURA 23:**  
**DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR UNIDADE DA FEDERAÇÃO, EM 2021**



FONTE: Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2021; IBGE, 2010; IBGE, 2021; PHILCARTO.

Podemos fazer algumas relações entre os casos de mortes violentas de LGBTI+ nas unidades da federação brasileiras e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) desses territórios. O IDH é considerado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como um indicador do grau de desenvolvimento humano de uma determinada unidade espacial, seja ela um país, um estado ou um município. O índice se baseia em três dimensões: renda, percebida pela renda média de cada habitante; educação, observada pelo tempo de escolaridade da população em idade escolar e pelo grau de alfabetização da sociedade; e saúde, compreendida pela expectativa de vida ao nascer da população. Alagoas, o estado mais violento contra a população LGBTI+ em 2021, em termos proporcionais, é também o que apresenta o pior IDH do país (Figura 22). Em 2017, segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil, Alagoas possuía um IDH de 0,683, índice considerado médio e comparável ao de alguns países africanos.

O caso de Alagoas é emblemático por evidenciar que uma população em condição de vulnerabilidade, com acesso limitado a direitos elementares, como saúde, educação, emprego e renda, tende a ser mais violenta. Com essa afirmação não pretendemos fazer uma associação direta entre pobreza e criminalidade, o que seria falso e discriminatório, mas chamar a atenção para a necessidade de ação do Estado em locais desprovidos de recursos básicos e que, infelizmente, tornam-se inseguros, das mais variadas formas, para a sua população. Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, respectivamente o segundo e o terceiro estados mais violentos em termos proporcionais à sua população, se distanciam do caso alagoano, uma vez que possuíam IDH considerado alto e próximo da média nacional (0,778). Como já tratamos anteriormente, ambos estados integram a macrorregião Centro-Oeste, uma área de expansão da fronteira agrícola brasileira caracterizada por elevados índices de violência, apesar de alguns indicadores socioeconômicos mais favoráveis, especialmente a renda média da população.

Dentre as unidades da federação menos violentas contra LGBTI+ no Brasil em 2021, em termos relativos à sua população, estavam dois estados com IDH considerado muito alto e comparável ao de países europeus: Santa Catarina (0,808) e São Paulo (0,826). Ambos se destacaram em todas as três dimensões consideradas para o cálculo do IDH – renda, educação e saúde –, o que aponta para uma menor vulnerabilidade da população desses estados, apesar das desigualdades existentes e que o índice não é capaz de expressar, percebidas, sobretudo, nas grandes cidades e regiões metropolitanas.

No que diz respeito aos municípios brasileiros com mais mortes violentas contra LGBTI+ registradas em 2021, os índices mais altos foram observados em algumas das maiores cidades do país: São Paulo (13), Salvador (11), Manaus (8) e Rio de Janeiro (8). Dos dez municípios mais violentos, apenas dois não são capitais estaduais: Feira de Santana (7), cidade baiana de porte médio com mais de 600 mil habitantes, e São Joaquim de Bicas (6), pequena cidade de Minas Gerais que sedia um presídio onde os crimes ocorreram (Figura 24). A tabela completa com todas as mortes registradas por município em 2021 encontra-se no [Apêndice 1](#).



**FIGURA 24:**  
**NÚMERO DE MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR MUNICÍPIO, EM 2021**

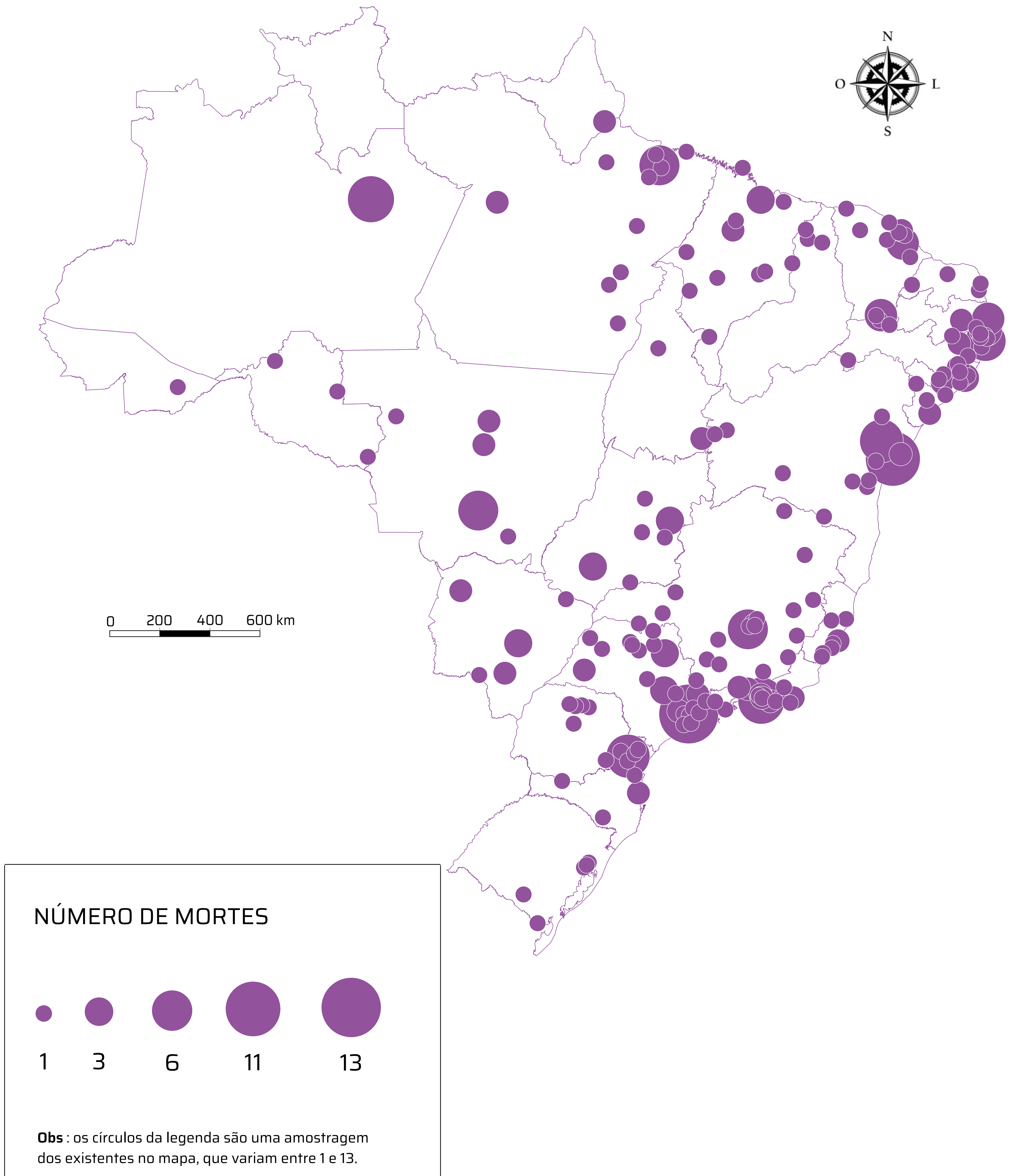
	Município	Unidade da Federação	Macrorregião	Mortes
1º	São Paulo	SP	SUDESTE	13
2º	Salvador	BA	NORDESTE	11
3º	Manaus	AM	NORTE	8
	Rio de Janeiro	RJ	SUDESTE	8
5º	Curitiba	PR	SUL	7
	Feira de Santana	BA	NORDESTE	7
7º	Belém	PA	NORTE	6
	Cuiabá	MT	CENTRO-OESTE	6
	Recife	PE	NORDESTE	6
	São Joaquim de Bicas	MG	SUDESTE	6
	Chorozinho	CE	NORDESTE	4
11º	João Pessoa	PB	NORDESTE	4
	Juazeiro do Norte	CE	NORDESTE	4
	Campo Grande	MS	CENTRO-OESTE	3
14º	Goiânia	GO	CENTRO-OESTE	3
	Maceió	AL	NORDESTE	3
	Ribeirão Preto	SP	SUDESTE	3
	Rio Verde	GO	CENTRO-OESTE	3
	São Luís	MA	NORDESTE	3

**FONTE:** Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2021

A Figura 25 representa o número de mortes violentas ocorridas em cada município. É possível perceber que alguns municípios concentraram todas as mortes registradas nos respectivos estados, como Manaus (AM), Macapá (AP) e Rio Branco (AC). Já em outras unidades da federação identificamos uma dispersão das mortes por um número maior de municípios, com destaque para os estados de São Paulo e Minas Gerais, com casos notificados, respectivamente, em 25 e 21 municípios. Chamamos a atenção para a ocorrência de mortes concentradas em torno das grandes cidades brasileiras

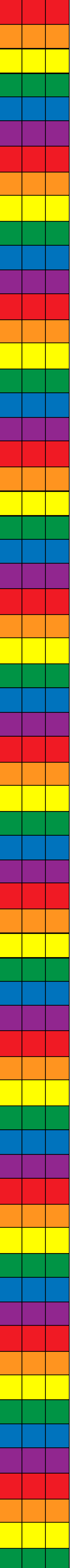
e suas regiões metropolitanas, como ocorreu em Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba. Finalmente, o mapa evidencia uma maior presença de mortes nas porções do território brasileiro onde a ocupação populacional é mais adensada, ou seja, onde há um número maior de habitantes por quilômetros quadrados. Nessa direção, destacamos o litoral nordestino, a porção centro-sul de Minas Gerais, os estados de São Paulo e Rio de Janeiro e a faixa próxima da costa paranaense.

FIGURA 25:  
DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR MUNICÍPIO, EM 2021



FONTE: Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2021; IBGE, 2010; IBGE, 2021; PHILCARTO.





# **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES**

Observando os dados sobre violência contra as pessoas LGBTI+ dos últimos anos, apesar das oscilações das métricas numéricas, fica nítido que o cenário geral de violência contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis, mulheres e homens trans, pessoas transmasculinas, não binárias e demais dissidências sexuais e de gênero pouco mudou em relação a medidas efetivas de enfrentamento da LGBTIfobia por parte do Estado. Mesmo em um cenário onde temos alcançado conquistas consideráveis junto ao poder judiciário, temos percebido a recorrente inércia do legislativo e do executivo ao se omitirem diante da LGBTIfobia, que segue acumulando vítimas e que permanece enraizada tanto no Estado quanto em toda a sociedade.

Pudemos ainda observar que, no último período de cinco anos, a violência LGBTIfóbica ganhou mais espaço na mídia, quando voltamos a discutir a criminalização da LGBTIfobia e seus impactos. Instituições da sociedade civil tem se (re)organizado em torno de denúncias internacionais e tentativas de constrangimento do Estado frente à comunidade internacional, visto que o poder público segue uma cartilha explícita e assumidamente contra os direitos LGBTI+, incluindo ações via Advocacia Geral da União (AGU) para sustar os efeitos da criminalização. Essa ação foi julgada em 2019 e, desde então, continuamos pendentes de quaisquer ações contra o impacto da LGBTIfobia na vida cotidiana das pessoas LGBTI+.

Um dos objetivos desta pesquisa é denunciar a omissão do Estado em reconhecer a LGBTIfobia como qualificador e agravante nos casos de crimes de ódio contra a população LGBTI+, especialmente quando a orientação sexual e/ou a identidade de gênero é um fator determinante para a escolha da vítima, assim como para a forma, intensidade e violência com que os casos vêm acontecendo. Desse modo, é importante utilizar as informações encontradas para qualificar e identificar as formas como as discriminações contra pessoas LGBTI+ se manifestam e se organizam, incluindo elementos de ódio, crueldade e processos de

humilhação devido à orientação sexual e/ou identidade e expressões de gênero não normativas.

Trazemos a seguir algumas recomendações de políticas que podem ser implementadas no combate a todas as formas de violência motivadas contra pessoas LGBTI+, mais especificamente diante do que os dados constantes nesta pesquisa nos revelam:

- Criar protocolos policiais unificados para enfrentamento da violência LGBTIfóbica no Brasil, considerando os limites de atuação dos municípios, estados e do governo federal, assim como a efetivação de políticas e ações para o correto atendimento e abordagem de pessoas LGBTI+ por agentes de segurança pública;
- Providenciar formação periódica e continuada para capacitação e educação de agentes públicos em todas as áreas, especialmente em órgãos de segurança pública, proteção a vítimas de violência, espaços destinados a mulheres vítimas de violência doméstica e em espaços estatais, a respeito da importância do acolhimento de mulheres lésbicas e das travestis e mulheres transexuais, respeitando suas especificidades e identidades de gênero autodeclaradas;
- Realizar campanhas públicas que incluam a diversidade LGBTI+, a fim de conscientizar sobre seus direitos, os impactos da LGBTIfobia e sobre os efeitos da criminalização da LGBTIfobia;
- Coletar e analisar dados sobre violências, tentativas de homicídio, assassinatos e violações de direitos humanos contra a população LGBTI+ por segmento;
- Combater a impunidade e a subnotificação de abuso e violência;
- Apoiar e incentivar o trabalho de monitoramento da violência com a celebração de parcerias com as instituições da sociedade civil que atuem na área;



- Garantir políticas específicas com atenção às necessidades das profissionais do sexo, moradores de favela e da periferia, pessoas em situação de rua, egressas do sistema prisional e aquelas privadas de liberdade e em sistemas socioeducativos;
- Implementar o Plano Nacional de Proteção às Defensoras e Defensores de Direitos Humanos, com a observância da realidade específica de pessoas defensoras LGBTI+;
- Garantir, no âmbito das políticas públicas, a compreensão de proteção de comunidades ameaçadas, e não apenas indivíduos defensores de direitos humanos;
- Ampliar a estrutura e o orçamento do Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos, Comunicadores e Ambientalistas;
- Criar, no âmbito do Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos, Comunicadores e Ambientalistas, normativa acerca da garantia e promoção da proteção de Defensores de Direitos Humanos LGBTI+;
- Criar e implementar medidas legais e políticas antidiscriminação, além de ações afirmativas/medidas positivas no campo da educação e do emprego, a fim de evitar que qualquer pessoa tenha que depender da venda de sexo como meio de sobrevivência devido à pobreza ou discriminação;
- Implementar locais de abrigo para as pessoas LGBTI+ expulsas de casa e/ou em situação de rua;
- Garantir, político-administrativamente, que os programas sociais, projetos, serviços e benefícios de atenção sejam acessíveis às travestis e demais pessoas trans;
- Incluir, no currículo escolar, temas ligados à educação sexual inclusiva e a tolerância à diversidade;

- Acatar, em todos os estados, os pactos federativos firmados de combate a violências LGBTI+;
- Efetuar os tratos internacionais e recomendações que versam sobre as violações contra a população LGBTI+;
- Cumprir as metas e propostas estabelecidas no plano nacional LGBTI+ e no Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH).

### **Contatos das instituições:**

#### **Acontece Arte e Política LGBTI+**

ObservatorioMortes@AconteceLGBTI.org

#### **Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA)**

presidencia.antra@gmail.com

#### **Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT)**

abglt@abglt.org



# 6. APÊNDICES



– Tabelas por estado e itens do perfil das vítimas item 3.

TABELA 1

**NÚMERO DE CASOS DE MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL ENTRE 2000 A 2021**

<b>Ano</b>	<b>Número de vítimas</b>
2000	130
2001	132
2002	126
2003	125
2004	158
2005	135
2006	112
2007	142
2008	187
2009	199
2010	260
2011	266
2012	338
2013	314
2014	329
2015	319
2016	343
2017	445
2018	420
2019	329
2020	237
2021	316
<b>Total</b>	<b>5.362</b>

Dados referentes à Figura 2.

TABELA 2

**NÚMERO DE MORTES DE LGBTI+ NO BRASIL, POR SEGMENTO, EM 2021**

<b>Segmento</b>	<b>Número Absoluto</b>	<b>Número Relativo %</b>
Gay	145	45,89%
Travesti e Mulher Transexual	141	44,62%
Lésbica	12	3,80%
Homem Trans e Pessoa Transmasculina	8	2,53%
Bissexual	3	0,95%
Outros Segmentos	3	0,95%
Não Informado	4	1,27%
<b>Total</b>	<b>316</b>	<b>100,00%</b>

Dados referentes à Figura 3.

TABELA 3

**TIPIFICAÇÃO DAS MORTES DE LGBTI+ NO BRASIL EM 2021**

<b>Tipificação</b>	<b>Número Absoluto</b>	<b>Número Relativo %</b>
Homicídio	262	82,91%
Latrocínio	23	7,28%
Suicídio	26	8,23%
Outras Mortes	5	1,58%
<b>Total</b>	<b>316</b>	<b>100,00%</b>

Dados referentes à Figura 4.



**TABELA 4**  
**TIPIFICAÇÃO DAS MORTES DE LGBTI+ POR SEGMENTO EM 2021**

Tipificação	Gay	Travesti e Mulher Transexual	Lésbica	Homem Trans e Pessoa Transmasculina	Bissexual	Outros Segmentos	Não Informado	Número Absoluto	Número Relativo
Homicídio	115	128	12	5	2	-	-	262	82,91%
Latrocínio	20	1	-	-	1	1	-	23	7,28%
Suicídio	8	10	-	2	-	2	4	26	8,23%
Outras Mortes	2	2	-	1	-	-	-	5	1,58%
Total	145	141	12	8	3	3	4	316	100,00%

Dados referentes à Figura 5.

**TABELA 5**  
**FAIXA ETÁRIA DAS PESSOAS LGBTI+ VÍTIMAS DE MORTES VIOLENTAS NO BRASIL EM 2021**

Idade	Número Absoluto	Número Relativo %
10 a 19	22	6,96%
20 a 29	96	30,38%
30 a 39	68	21,52%
40 a 49	36	11,39%
50 a 59	21	6,65%
60 a 69	13	4,11%
Não Informado	60	18,99%
Total	316	100,00%

Dados referentes à Figura 6.

**TABELA 6**  
**FAIXA ETÁRIA DAS PESSOAS LGBTI+ VÍTIMAS DE MORTES VIOLENTAS NO BRASIL, POR**  
**SEGMENTO, EM 2021**

Idade	Gay	Travesti e Mulher Transexual	Lésbica	Homem Trans e Pessoa Transmasculina	Bissexual	Outros Segmentos	Não Informado	Número Absoluto Total	Número Relativo Total
10 a 19	9	9	3	-	-	1	-	22	6,96%
20 a 29	42	45	3	5	-	1	-	96	30,38%
30 a 39	28	35	3	-	1	1	-	68	21,52%
40 a 49	24	9	1	1	1	-	-	36	11,39%
50 a 59	16	5	-	-	-	-	-	21	6,65%
60 a 69	11	1	-	-	1	-	-	13	4,11%
Não Informado	15	37	2	2	-	-	4	60	18,99%
Total	145	141	12	8	3	3	4	316	100,00%

Dados referentes à Figura 7.

**TABELA 7**  
**RAÇA E ETNIA DAS PESSOAS LGBTI+ VÍTIMAS DE MORTES VIOLENTAS NO BRASIL EM 2021**

Raça e Etnia	Número Absoluto	Número Relativo %
Pretas e Pardas	112	35,44%
Branças	127	40,19%
Indígenas	1	0,32%
Não Informado	76	24,05%
Total	316	100,00%

Dados referentes à Figura 8.



TABELA 8

**RAÇA E ETNIA DAS PESSOAS LGBTI+ VÍTIMAS DE MORTES VIOLENTAS NO BRASIL, POR SEGMENTO, EM 2021**

<b>Raça e Etnia</b>	<b>Gay</b>	<b>Travesti e Mulher Transexual</b>	<b>Lésbica</b>	<b>Homem Trans e Pessoa Transmasculina</b>	<b>Bissexual</b>	<b>Outros Segmentos</b>	<b>Não Informado</b>	<b>Número Absoluto</b>	<b>Número Relativo</b>
Branças	67	43	7	4	3	3	-	127	40,19%
Pretas e Pardas	56	50	3	3	-	-	-	112	35,44%
Indígenas	-	1	-	-	-	-	-	1	0,32%
Não Informado	22	47	2	1	-	-	4	76	24,05%
<b>Total</b>	<b>145</b>	<b>141</b>	<b>12</b>	<b>8</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>316</b>	<b>100,00%</b>

Dados referentes à Figura 9.

**TABELA 9**  
**PROFISSÃO E OCUPAÇÃO DAS PESSOAS LGBTI+ VÍTIMAS DE MORTES VIOLENTAS NO BRASIL EM 2021**

<b>Profissão / Ocupação</b>	<b>Número Absoluto</b>	<b>Número Relativo %</b>
Profissional do Sexo	39	12,34%
Professor/a	23	7,28%
Cabeleireira/o	16	5,06%
Estudante	10	3,16%
Empresário	4	1,27%
Servidor Público	4	1,27%
Desempregado	3	0,95%
Enfermeiro	3	0,95%
Aposentado	2	0,63%
Artista	2	0,63%
Ator	2	0,63%
Comerciante	2	0,63%
Corretor	2	0,63%
Cozinheira/o	2	0,63%
Dentista	2	0,63%
Ex-Vereador/a	2	0,63%
Operador de Telemarketing	2	0,63%
Pai de Santo	2	0,63%
Trabalhador Rural	2	0,63%
Vendedor/a	2	0,63%
Advogado	1	0,32%
Arquiteto	1	0,32%
Artesão	1	0,32%
Assistente Social	1	0,32%
Blogueiro	1	0,32%



<b>Profissão / Ocupação</b>	<b>Número Absoluto</b>	<b>Número Relativo %</b>
Cantor	1	0,32%
Circense	1	0,32%
Colunista	1	0,32%
Comerciário	1	0,32%
Designer de Moda	1	0,32%
Diarista	1	0,32%
Drag Queen	1	0,32%
Ex-assessor Parlamentar	1	0,32%
Garçom	1	0,32%
Gerente de Loja	1	0,32%
Industriário	1	0,32%
Inspetor de Saneamento Ambiental	1	0,32%
Jogador de Vôlei	1	0,32%
Jornalista	1	0,32%
Líder Comunitária	1	0,32%
Maquiador	1	0,32%
Médica	1	0,32%
Modelo	1	0,32%
Mototaxista	1	0,32%
Padre	1	0,32%
Pescadora	1	0,32%
Psicólogo	1	0,32%
Secretário de Cultura	1	0,32%
Supervisor de Empresa	1	0,32%
Técnico de Usina	1	0,32%
Não Informado	160	50,63%
<b>Total</b>	<b>316</b>	<b>100,00%</b>

Dados referentes à Figura 10.

TABELA 10

**ORIENTAÇÃO SEXUAL DAS PESSOAS LGBTI+ VÍTIMAS DE MORTES VIOLENTAS NO BRASIL EM 2021**

<b>Orientação Sexual</b>	<b>Número Absoluto</b>	<b>Número Relativo %</b>
Gay	145	45,89%
Lésbica	12	3,80%
Bissexual	3	0,95%
Heterossexual	3	0,95%
Não Informado	153	48,42%
Total	316	100,00%

Dados referentes à Figura 11.

TABELA 11

**IDENTIDADE DE GÊNERO DAS PESSOAS LGBTI+ VÍTIMAS DE MORTES VIOLENTAS NO BRASIL EM 2021**

<b>Identidade de Gênero</b>	<b>Número Absoluto</b>	<b>Número Relativo %</b>
Homem Cis	150	47,47%
Travesti e Mulher Trans	141	44,62%
Mulher Cis	12	3,80%
Homem Trans	8	2,53%
Não Informado	5	1,58%
Total	316	100,00%

Dados referentes à Figura 12.



TABELA 12

**CAUSA MORTIS DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL EM 2021**

<b><i>Causa Mortis</i></b>	<b>Número Absoluto</b>	<b>Número Relativo %</b>
Esfaqueamento	91	28,80%
Arma de Fogo	83	26,27%
Espancamento	20	6,33%
Asfixia	10	3,16%
Perfurações	8	2,53%
Queimada/o	7	2,22%
Traumatismo Craniano	6	1,90%
Atropelamento	5	1,58%
Enforcamento	5	1,58%
Estrangulamento	5	1,58%
Apedrejamento	3	0,95%
Pauladas	3	0,95%
Esquartejamento	2	0,63%
Tortura	2	0,63%
Acidente de Trânsito	1	0,32%
Afogamento	1	0,32%
Atropelamento Intencional	1	0,32%
Desaparecimento	1	0,32%
Ferimento na cabeça	1	0,32%
Hemorragia	1	0,32%
Mal Súbito	1	0,32%
Medicamentos	1	0,32%
Overdose	1	0,32%
Procedimento Estético	1	0,32%
Trombo Cardiopulmonar	1	0,32%
Violência Auto-infligida	1	0,32%
Não Informado	54	17,09%
<b>Total</b>	<b>316</b>	<b>100,00%</b>

Dados referentes à Figura 13.

**TABELA 13**  
**LOCAL DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL EM 2021**

<b>Espaço</b>	<b>Número Absoluto</b>	<b>Número Relativo %</b>
Espaço Privado	151	47,78%
Espaço Público	135	42,72%
Não Informado	30	9,49%
<b>Total</b>	<b>316</b>	<b>100,00%</b>

Dados referentes à Figura 14.

**TABELA 14**  
**LOCAL DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR SEGMENTO, EM 2021**

<b>Espaço</b>	<b>Gay</b>	<b>Travesti e Mulher Transexual</b>	<b>Lésbica</b>	<b>Homem Trans e Pessoa Transmasculina</b>	<b>Bissexual</b>	<b>Outros Segmentos</b>	<b>Não Informado</b>	<b>Número Absoluto</b>	<b>Número Relativo</b>
Espaço Privado	87	36	6	3	2	1	4	139	43,99%
Espaço Público	46	93	5	2	1	2	-	149	47,15%
Não Informado	12	12	1	3	-	-	-	28	8,86%
<b>Total</b>	<b>145</b>	<b>141</b>	<b>12</b>	<b>8</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>316</b>	<b>100,00%</b>

Dados referentes à Figura 15.



**TABELA 15**  
**PERÍODO DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL EM 2021**

<b>Período</b>	<b>Número Absoluto</b>	<b>Número Relativo %</b>
Noturno	152	48,10%
Diurno	35	11,08%
Não Informado	129	40,82%
Total	316	100,00%

Dados referentes à Figura 16.

**TABELA 16**  
**PERÍODO DAS MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR SEGMENTO, EM 2021**

<b>Período</b>	<b>Gay</b>	<b>Travesti e Mulher Transexual</b>	<b>Lésbica</b>	<b>Homem Trans e Pessoa Transmasculina</b>	<b>Bissexual</b>	<b>Outros Segmentos</b>	<b>Não Informado</b>	<b>Número Absoluto</b>	<b>Número Relativo</b>
Noturno	73	69	4	2	1	3	-	152	48,10%
Diurno	18	10	5	1	1	-	-	35	11,08%
Não Informado	54	62	3	5	1	-	4	129	40,82%
Total	145	141	12	8	3	3	4	316	100,00%

Dados referentes à Figura 17.

TABELA 17

**NÚMERO DE SUICÍDIOS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR SEGMENTO, EM 2021**

<b>Suicídio por Segmento</b>	<b>Número Absoluto</b>	<b>Número Relativo %</b>
Travesti e Mulher Trans	10	38,46%
Gay	8	30,77%
Heterossexual Cis	2	7,69%
Homem Trans	2	7,69%
Não Informado	4	15,38%
Total	26	100,00%

Dados referentes à Figura 18.

TABELA 18

**NÚMERO DE MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR REGIÃO, EM 2021**

<b>Macrorregião</b>	<b>Número Absoluto</b>	<b>Número de Mortes por Milhão de Habitantes</b>
Nordeste	116	2,01
Sudeste	103	1,15
Centro-Oeste	36	2,15
Norte	32	1,69
Sul	28	0,92
Não Informado	1	-
Total	316	1,48

Dados referentes à Figura 19.



TABELA 19

**NÚMERO DE MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR REGIÃO E SEGMENTO, EM 2021**

Macror-região	Gay	Travesti e Mulher Transexual	Lésbica	Homem Trans e Pessoa Transmasculina	Bissexual	Outros Segmentos	Não Informado	Número Absoluto	Número Relativo
Nordeste	60	46	4	3	2	1	-	116	2,01
Sudeste	42	52	1	3	-	1	4	103	1,15
Centro-Oeste	20	14	1	1	-	-	-	36	2,15
Norte	14	15	3	-	-	-	-	32	1,69
Sul	9	13	3	1	1	1	-	28	0,92
Não Informado	-	1	-	-	-	-	-	1	-
Total	145	141	12	8	3	3	4	316	1,48

Dados referentes à Figura 20.

TABELA 20

**NÚMERO DE MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ E IDH NO BRASIL, POR UNIDADE DA FEDERAÇÃO, EM 2021**

Estado	Região	Número Absoluto	Número Milhão de Habitantes	IDH
São Paulo - SP	Sudeste	42	0,90	0,826
Bahia - BA	Nordeste	30	2,00	0,714
Minas Gerais - MG	Sudeste	27	1,26	0,787
Rio de Janeiro - RJ	Sudeste	26	1,49	0,796
Ceará - CE	Nordeste	20	2,16	0,735
Pernambuco - PE	Nordeste	18	1,86	0,727
Paraná - PR	Sul	18	1,55	0,792
Pará - PA	Norte	17	1,94	0,698
Alagoas - AL	Nordeste	16	4,75	0,683
Maranhão - MA	Nordeste	15	2,10	0,687

<b>Estado</b>	<b>Região</b>	<b>Número Absoluto</b>	<b>Número Milhão de Habitantes</b>	<b>IDH</b>
Mato Grosso - MT	Centro-Oeste	12	3,36	0,774
Goiás - GO	Centro-Oeste	10	1,39	0,769
Mato Grosso do Sul - MS	Centro-Oeste	9	3,17	0,766
Espírito Santo - ES	Sudeste	8	1,95	0,772
Amazonas - AM	Norte	8	1,87	0,733
Paraíba - PB	Nordeste	6	1,48	0,722
Distrito Federal - DF	Centro-Oeste	5	1,62	0,850
Santa Catarina - SC	Sul	5	0,68	0,808
Rio Grande do Sul - RS	Sul	5	0,44	0,787
Sergipe - SE	Nordeste	4	1,71	0,702
Rio Grande do Norte - RN	Nordeste	4	1,12	0,731
Rondônia - RO	Norte	3	1,65	0,725
Piauí - PI	Nordeste	3	0,91	0,697
Amapá - AP	Norte	2	2,28	0,740
Acre - AC	Norte	1	1,10	0,719
Tocantins - TO	Norte	1	0,62	0,743
Roraima - RR	Norte	0	0,00	0,752
N.I	N.I	1	-	
Total		316	1,48	Brasil - 0,778

Dados referentes à Figura 22.



TABELA 22

**NÚMERO DE MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL, POR MUNICÍPIO, EM 2021**

<b>Nº</b>	<b>Município</b>	<b>Estado</b>	<b>Macrorregião</b>	<b>Mortes</b>
<b>1º</b>	São Paulo	SP	SUDESTE	13
<b>2º</b>	Salvador	BA	NORDESTE	11
<b>3º</b>	Manaus	AM	NORTE	8
	Rio de Janeiro	RJ	SUDESTE	8
<b>5º</b>	Curitiba	PR	SUL	7
	Feira de Santana	BA	NORDESTE	7
<b>7º</b>	Belém	PA	NORTE	6
	Cuiabá	MT	CENTRO-OESTE	6
	Recife	PE	NORDESTE	6
	São Joaquim de Bicas	MG	SUDESTE	6
<b>11º</b>	Chorozinho	CE	NORDESTE	4
	João Pessoa	PB	NORDESTE	4
	Juazeiro do Norte	CE	NORDESTE	4
<b>14º</b>	Campo Grande	MS	CENTRO-OESTE	3
	Goiânia	GO	CENTRO-OESTE	3
	Maceió	AL	NORDESTE	3
	Ribeirão Preto	SP	SUDESTE	3
	Rio Verde	GO	CENTRO-OESTE	3
	São Luís	MA	NORDESTE	3

Dados referentes à Figura 24.

TABELA 22

**DISTRIBUIÇÃO DE MORTES DE LGBTI+ POR MUNICÍPIO, ESTADO E MACRORREGIÃO DO BRASIL EM 2021**

<b>Município</b>	<b>Estado</b>	<b>Macrorregião</b>	<b>Mortes</b>
São Paulo	SP	SUDESTE	13
Salvador	BA	NORDESTE	11
Manaus	AM	NORTE	8
Rio de Janeiro	RJ	SUDESTE	8
Curitiba	PR	SUL	7
Feira de Santana	BA	NORDESTE	7
Belém	PA	NORTE	6
Cuiabá	MT	CENTRO-OESTE	6
Recife	PE	NORDESTE	6
São Joaquim de Bicas	MG	SUDESTE	6
Chorozinho	CE	NORDESTE	4
João Pessoa	PB	NORDESTE	4
Juazeiro do Norte	CE	NORDESTE	4
Campo Grande	MS	CENTRO-OESTE	3
Goiânia	GO	CENTRO-OESTE	3
Maceió	AL	NORDESTE	3
Ribeirão Preto	SP	SUDESTE	3
Rio Verde	GO	CENTRO-OESTE	3
São Luís	MA	NORDESTE	3
Aracaju	SE	NORDESTE	2
Arapiraca	AL	NORDESTE	2
Brasília	DF	CENTRO-OESTE	2
Cabo Frio	RJ	SUDESTE	2

<b>Município</b>	<b>Estado</b>	<b>Macrorregião</b>	<b>Mortes</b>
Camaçari	BA	NORDESTE	2
Campina Grande	PB	NORDESTE	2
Caruaru	PE	NORDESTE	2
Corumbá	MS	CENTRO-OESTE	2
Dourados	MS	CENTRO-OESTE	2
Extrema	MG	SUDESTE	2
Fortaleza	CE	NORDESTE	2
Itajaí	SC	SUL	2
Macapá	AP	NORTE	2
Mesquita	RJ	SUDESTE	2
Niterói	RJ	SUDESTE	2
Nova Iguaçu	RJ	SUDESTE	2
Piracicaba	SP	SUDESTE	2
Presidente Prudente	SP	SUDESTE	2
Resende	RJ	SUDESTE	2
Rio Largo	AL	NORDESTE	2
Santa Inês	MA	NORDESTE	2
Santarém	PA	NORTE	2
São Roque	SP	SUDESTE	2
Sinop	MT	CENTRO-OESTE	2
Sorriso	MT	CENTRO-OESTE	2
Taguatinga	DF	CENTRO-OESTE	2
União dos Palmares	AL	NORDESTE	2
Vitória	ES	SUDESTE	2
Volta Redonda	RJ	SUDESTE	2
Abaetetuba	PA	NORTE	1



<b>Município</b>	<b>Estado</b>	<b>Macrorregião</b>	<b>Mortes</b>
Abelardo Luz	SC	SUL	1
Açailândia	MA	NORDESTE	1
Afonso Bezerra	RN	NORDESTE	1
Alfenas	MG	SUDESTE	1
Alvorada	RS	SUL	1
Ananindeua	PA	NORTE	1
Anápolis	GO	CENTRO-OESTE	1
Antônio João	MS	CENTRO-OESTE	1
aquiraz	CE	NORDESTE	1
Araçatuba	SP	SUDESTE	1
Araci	BA	NORDESTE	1
Araçuaí	MG	SUDESTE	1
Arapongas	PR	SUL	1
Arraial do Cabo	RJ	SUDESTE	1
Bagé	RS	SUL	1
Balsas	MA	NORDESTE	1
Barbalha	CE	NORDESTE	1
Barras	PI	NORDESTE	1
Barreiras	BA	NORDESTE	1
Barro Alto	GO	CENTRO-OESTE	1
Belo Horizonte	MG	SUDESTE	1
Betim	MG	SUDESTE	1
Brejo Santo	CE	NORDESTE	1
Breu Branco	PA	NORTE	1
Breves	PA	NORTE	1
Cabo de Santo Agostinho	PE	NORDESTE	1

<b>Município</b>	<b>Estado</b>	<b>Macrorregião</b>	<b>Mortes</b>
Camocim	CE	NORDESTE	1
Campina Grande do Sul	PR	SUL	1
Campo Largo	PR	SUL	1
Cândido Sales	BA	NORDESTE	1
Caridade	CE	NORDESTE	1
Cassilândia	MS	CENTRO-OESTE	1
Catanduva	SP	SUDESTE	1
Cedral	SP	SUDESTE	1
Colatina	ES	SUDESTE	1
Colorado do Oeste	RO	NORTE	1
Contagem	MG	SUDESTE	1
Craíbas	AL	NORDESTE	1
Crato	CE	NORDESTE	1
Curupuru	MA	NORDESTE	1
Diadema	SP	SUDESTE	1
Divino das Laranjeiras	MG	SUDESTE	1
Embu das Artes	SP	SUDESTE	1
Fazenda Rio Grande	PR	SUL	1
Formiga	MG	SUDESTE	1
Frutal	MG	SUDESTE	1
Gabriel Profeta do Carmo	BA	NORDESTE	1
Gama (Região administrativa do DF)	DF	CENTRO-OESTE	1
Gandu	BA	NORDESTE	1
Goiana	PE	NORDESTE	1
Governador Luiz Rocha	MA	NORDESTE	1
Grajaú	MA	NORDESTE	1

<b>Município</b>	<b>Estado</b>	<b>Macrorregião</b>	<b>Mortes</b>
Gravataí	RS	SUL	1
Guaíra	SP	SUDESTE	1
Guaraí	TO	NORTE	1
Guarapari	ES	SUDESTE	1
Guarulhos	SP	SUDESTE	1
Igarassu	PE	NORDESTE	1
Itanhaém	SP	SUDESTE	1
Itapemirim	ES	SUDESTE	1
Itaquaquecetuba	SP	SUDESTE	1
Itumbiara	GO	CENTRO-OESTE	1
Jaguarão	RS	SUL	1
Jardim Alegre	PR	SUL	1
Jaú	SP	SUDESTE	1
Jequié	BA	NORDESTE	1
Ji-Paraná	RO	NORTE	1
Joinville	SC	SUL	1
Juína	MT	CENTRO-OESTE	1
Juiz de Fora	MG	SUDESTE	1
Lages	SC	SUL	1
Lagoa Santa	MG	SUDESTE	1
Linhares	ES	SUDESTE	1
Londrina	PR	SUL	1
Luis Eduardo Magalhães	BA	NORDESTE	1
Luziânia	GO	CENTRO-OESTE	1
Mandaguari	PR	SUL	1
Manhuaçu	MG	SUDESTE	1



<b>Município</b>	<b>Estado</b>	<b>Macrorregião</b>	<b>Mortes</b>
Marabá	PA	NORTE	1
Maracanaú	CE	NORDESTE	1
Marechal Deodoro	AL	NORDESTE	1
Maricá	RJ	SUDESTE	1
Maringá	PR	SUL	1
Mogi das Cruzes	SP	SUDESTE	1
Monção	MA	NORDESTE	1
Monte Azul	MG	SUDESTE	1
Monte Carmelo	MG	SUDESTE	1
Muriaé	MG	SUDESTE	1
Murici	AL	NORDESTE	1
Naque	MG	SUDESTE	1
Natal	RN	NORDESTE	1
Nilópolis	RJ	SUDESTE	1
Nossa Senhora das Dores	SE	NORDESTE	1
Nova Friburgo	RJ	SUDESTE	1
Ouro Fino	MG	SUDESTE	1
Palmares	PE	NORDESTE	1
Palmeira dos Índios	AL	NORDESTE	1
Paracuru	CE	NORDESTE	1
Parauapebas	PA	NORTE	1
Paripueira	AL	NORDESTE	1
Pau D'Arco	PA	NORTE	1
Paudalho	PE	NORDESTE	1
Paulista	PE	NORDESTE	1
Penedo	AL	NORDESTE	1

<b>Município</b>	<b>Estado</b>	<b>Macrorregião</b>	<b>Mortes</b>
Pereira Barreto	SP	SUDESTE	1
Petrolina	PE	NORDESTE	1
Piraquara	PR	SUL	1
Piripiri	PI	NORDESTE	1
Poço Redondo	SE	NORDESTE	1
Porto Alegre	RS	SUL	1
Porto Franco	MA	NORDESTE	1
Porto Velho	RO	NORTE	1
Praia Grande	SP	SUDESTE	1
Primeira Cruz	MA	NORDESTE	1
Quatro Barras	PR	SUL	1
Queimados	RJ	SUDESTE	1
Riacho de Santana	BA	NORDESTE	1
Ribeirão das Neves	MG	SUDESTE	1
Rio Bonito	RJ	SUDESTE	1
Rio Branco	AC	NORTE	1
Rio Novo do Sul	ES	SUDESTE	1
Rondonópolis	MT	CENTRO-OESTE	1
Russas	CE	NORDESTE	1
Salinópolis	PA	NORTE	1
Salvaterra	PA	NORTE	1
Santa Cruz do Capibaribe	PE	NORDESTE	1
Santo Antônio de Jesus	BA	NORDESTE	1
São Domingos do Maranhão	MA	NORDESTE	1
São João do Arraial	PI	NORDESTE	1
São João do Triunfo	PR	SUL	1

<b>Município</b>	<b>Estado</b>	<b>Macrorregião</b>	<b>Mortes</b>
São José da Laje	AL	NORDESTE	1
São José de Mipibu	RN	NORDESTE	1
São José dos Campos	SP	SUDESTE	1
São José Rio Preto	SP	SUDESTE	1
Sobral	CE	NORDESTE	1
Sumaré	SP	SUDESTE	1
Suzano	SP	CENTRO-OESTE	1
Taboleiro Grande	RN	NORDESTE	1
Taubaté	SP	SUDESTE	1
Timbaúba	PE	NORDESTE	1
Timon	MA	NORDESTE	1
Tracunhaém	PE	NORDESTE	1
Ubatã	BA	NORDESTE	1
Ubatuba	SP	SUDESTE	1
Uberaba	MG	SUDESTE	1
Varginha	MG	SUDESTE	1
Viana	ES	SUDESTE	1
Viradouro	SP	SUDESTE	1
N.I	N.I	N.I	1

Dados referentes à Figura 25.



# MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+ NO BRASIL

DOSSIÊ 2021

REALIZAÇÃO:

OBSERVATÓRIO DE MORTES  
E VIOLÊNCIAS LGBTI+ NO BRASIL



APOIO:

Fundo  
Brasil